

COLETÂNEA DE POEMAS E CONTOS

— VOL. IV —



Ademir Pascale
— Organizador. —

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-02-20201-2

2026

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- EDUCAÇÃO QUE REPOUSA NA VIDA, POR ADRIANO ROSA DA SILVA, PÁG. 05
EIS QUE ONTEM ACORDEI ARTISTA, POR ALEXANDRE MONTEIRO, PÁG. 08
MANUAL PARA RECOMEÇAR, POR ANA CAROLINA MAGALDI CAPUANO, PÁG.
11
PORTO LIVRE, POR CAMILA SOUSA CASSEMIRO, PÁG. 14
FUNDAÇÕES, POR CAMILA SOUSA CASSEMIRO, PÁG. 16
LÁGRIMA CEGA, POR CARLOS MENDEZ, PÁG. 18
UM UNIVERSO EM TRANSLAÇÃO, POR ERIKA CAROLINE DE OLIVEIRA
CAVALCANTI, PÁG. 21
O ALIENÍGENA, POR ERIKA CAROLINE DE OLIVEIRA CAVALCANTI, PÁG. 26
MAR, POR GRACCIENE FARIAS, PÁG. 31
PERAMBULANDO, POR JAFF SILVA, PÁG. 35
BLEFE OU TABEFE?, POR JAFF SILVA, PÁG. 37
ME CHAME DE SAUDADE, POR KAIROS ARTHEMIC, PÁG. 39
SEGUNDA VIA, POR KAIROS ARTHEMIC, PÁG. 43
A MENINA E O FOGO, POR KARINA LOURENÇO, PÁG. 47
DESERTO, POR KELLY FLOR DE LIZ, PÁG. 50
HUMANIDADE, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 52
MÃE DE AMIGO, POR POMPA, PÁG. 54
O TOPETE DO ELVIS, POR POMPA, PÁG. 56
CAIXINHAS DE NATAL, POR POMPA, PÁG. 59
QUEM MORRE VIRA SANTO, POR POMPA, PÁG. 61
TANINOS, POR POMPA, PÁG. 63
ETERNAMENTE TE AMO!, POR PUDIM, PÁG. 65
BALADA DA MENINA ROSA, POR RAUL SCHAEFER FILHO, PÁG. 67
ARREBENTE, ARREBENTE, POR RAUL SCHAEFER FILHO, PÁG. 69
RESGATAR A INFÂNCIA, POR RENATA FALSON CAVALCA, PÁG. 71
PEDACINHO, POR SAULO HENRIQUE DA SILVA MACHADO, PÁG. 74
VERMELHO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 78
NA PRAIA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 80
ERRO SEMÂNTICO EXISTENCIAL, POR SOPHIÉN, PÁG. 83
SANTA E SANTO, POR B.R.PADOVANO, PÁG. 88
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 95

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

COLETÂNEA
DE POEMAS E CONTOS
VOL. IV

SELO CONEXÃO LITERATURA



APRESENTAMOS

EDUCAÇÃO QUE REPOUSA NA VIDA

POR ADRIANO ROSA DA SILVA

Adriano Rosa da Silva é Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>.

Vivemos na cidade, no pulsar da multidão,
dividindo sonhos, vozes e chão.
Somos parte do bairro, da praça e do olhar,
de tudo aquilo que escolhemos amar.

Há comunidades feitas de fé e canção,
de arte, trabalho e união.
Em cada encontro, em cada viver,
a cultura floresce sem a gente perceber.

Ela mora na língua que a boca pronuncia,
na dança da rua, na velha poesia.
Está nos muros pintados de cor e emoção,
na feira barulhenta, no som da canção.

Vive nos gestos, nas formas de agir,
nos códigos do mundo, no jeito de existir.
Nas regras da vida, do sagrado e do civil,
na alma inquieta desse humano febril.

E é na educação que ela mais se revela,
forte e antiga, sensível e bela.
Antes da escola surgir como lugar,
o mundo já sabia ensinar.

Muito antes do quadro, do livro e da lição,
havia troca, conversa e partilha de mão.
De geração em geração seguia o saber,
como rio profundo difícil de conter.

A educação nasce no próprio viver,
na arte do homem de aprender a aprender.

Na natureza que ensina a mudar,
na vida que insiste em se transformar.

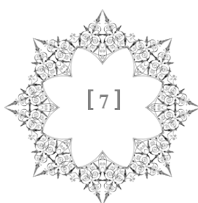
Cada cultura inventa maneiras
de ensinar histórias, de acender fogueiras.
Transforma trabalho, memória e paixão
em sementes de educação.

Compreender não é somente guardar,
mas entrar no círculo, sentir, partilhar.
Pois todo saber ganha sentido profundo
quando vivido em encontro com o mundo.

Talvez o futuro comece então
na força da cooperação.
Na solidariedade que sabe acolher,
na gratuidade de simplesmente ser.

O contrário da vida vendida em mercado,
do humano tratado como objeto comprado.
Educar é criar pontes de união,
e não transformar pessoas em cifrão.

Que a escola, a rua e o coração
sejam morada de transformação.
E que o saber, em vez de separar,
nos ensine juntos a caminhar.





APRESENTAMOS

EIS QUE ONTEM ACORDEI ARTISTA

POR ALEXANDRE MONTEIRO

Alexandre Monteiro, nascido e residente no Rio de Janeiro, possui escrita que denuncia seus múltiplos interesses e formações. É arquiteto graduado pela UFRJ; artista visual; especialista em História da Arte pela UCAM (RJ) e professor do curso de graduação em Design da UCAM (RJ). Atualmente encontra-se mestrando em Sociologia Política pelo IUPERJ. Em suas pesquisas recentes investiga arquivos de artistas não heterossexuais e as estratégias de comunicabilidade criadas por tais sujeitos como resistência aos discursos hegemônicos da sociedade heteronormativa.

Eis que ontem acordei artista,
E anteontem, um arquiteto,
Pois hoje serei sociólogo,
Amanhã, doutor e poeta.

Todo dia acordo eu; e um outro,
Houve os dias em que o matei,
E também os que o entrelacei, e
Sinto a falta de quem matei, e
Abomino quem abracei.

Nosso embate deve ser rápido, e
O ataque com golpe preciso.
Que nem sempre mata o devido,
Porém logo ao meu despertar,
Um deles se evapora no ar.

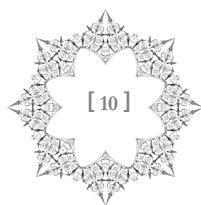
E nem sempre de todo morto,
Suspira sua doce promessa, e
Apela por misericórdia.
Assombra-me vários dias,
Mas nunca sem certo fascínio.

Houve dia que acordei tirano,
Me meti a dominar o mundo,
Performei-o por certo tempo,
(mesmo Nero quis ser amado)
Em seguida o deixei partir.

Algum dia, mais nada eu serei,
Só que em tudo persistirei.
Aquilo que em mim se organiza,

Pelo mundo se espalhará.

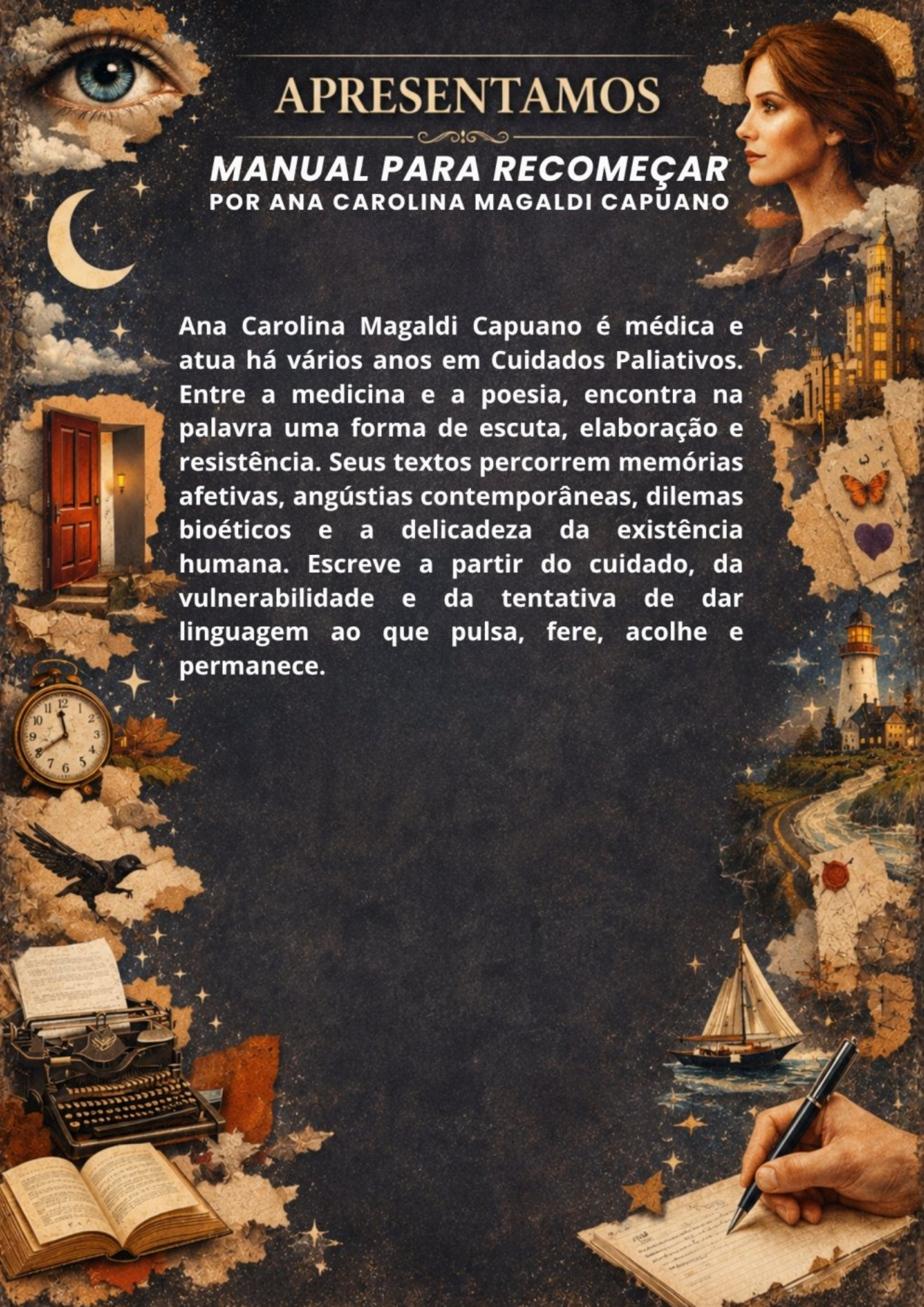
Estarei ao papel de um poema,
Perdido no fundo do armário, e
Nas lágrimas desse poema,
Estive há tempos atrás.



APRESENTAMOS

MANUAL PARA RECOMEÇAR POR ANA CAROLINA MAGALDI CAPUANO

Ana Carolina Magaldi Capuano é médica e atua há vários anos em Cuidados Paliativos. Entre a medicina e a poesia, encontra na palavra uma forma de escuta, elaboração e resistência. Seus textos percorrem memórias afetivas, angústias contemporâneas, dilemas bioéticos e a delicadeza da existência humana. Escreve a partir do cuidado, da vulnerabilidade e da tentativa de dar linguagem ao que pulsa, fere, acolhe e permanece.



Desilusão, estou cansada do que fazes
com o meu coração.

Te dou minha vida, alma e alegria.
Te alardeei como pessoa amada e querida.

Mas não é bastante:
você quer
subjugação,
dominação.

Apaga meu brilho —
sou personagem sem autonomia

Me repousas na tua sombra,
cavalo atrelado
à carroça das frustrações.

O “eu” tornando-se “seu”,
doce céu em terra vil.

Um mundo colorido
que, na verdade, é prisão,
travestido de sonhos,
promessas e realizações.

Mais uma vez, enganada
pelo meu coração.

Desejo, com todo o meu ser,
que neste novo ano
eu seja mais eu

antes de qualquer coisa,
antes de qualquer pessoa.

Peço ao meu coração:
aprenda a se valorizar.

Deixe, por favor, a razão te guiar.

Pois, quem sabe, só assim
um amor verdadeiro
poderá chegar.

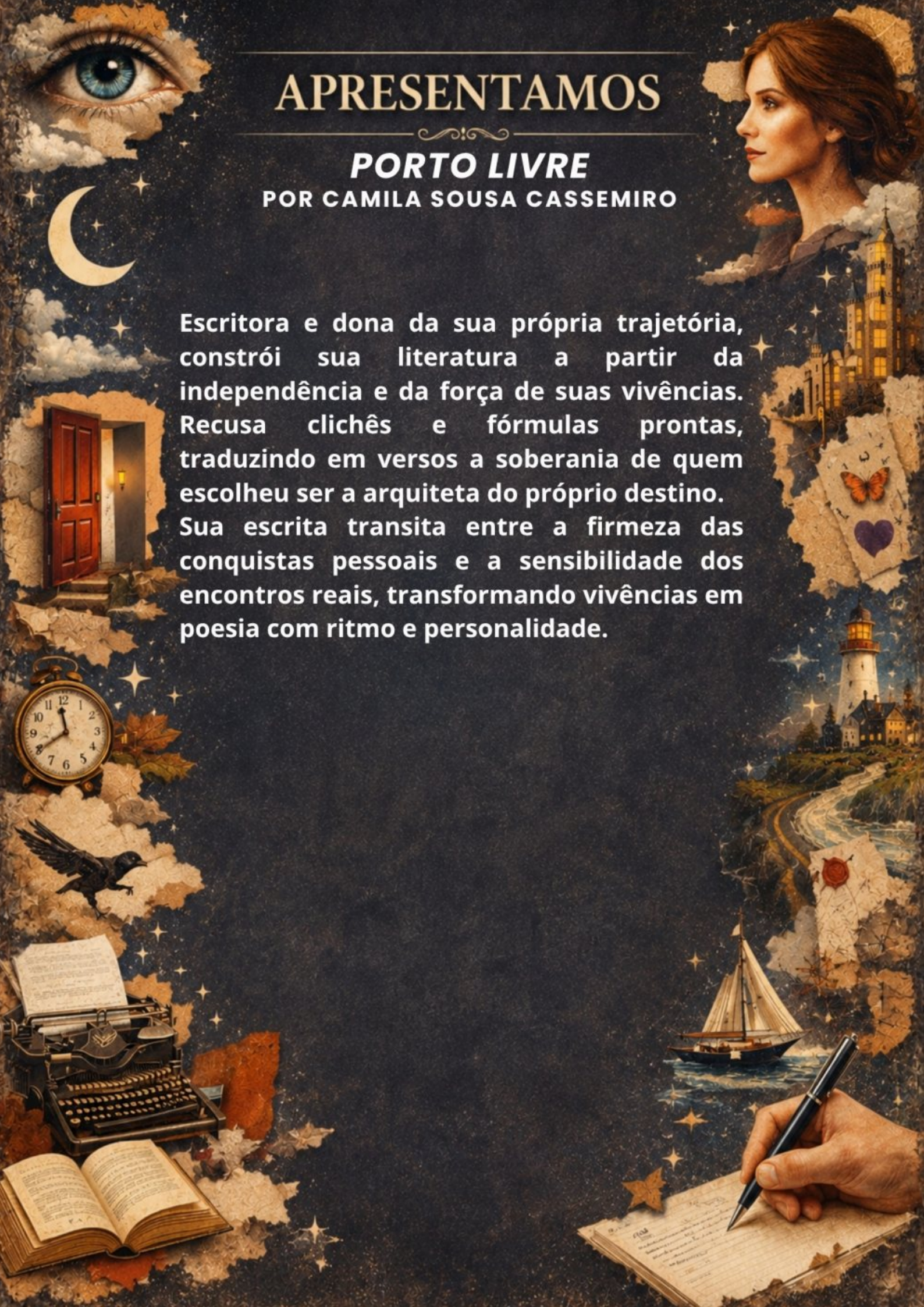


APRESENTAMOS

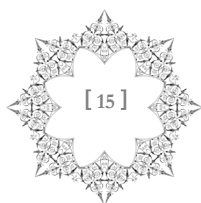
PORTO LIVRE

POR CAMILA SOUSA CASSEMIRO

Escritora e dona da sua própria trajetória, constrói sua literatura a partir da independência e da força de suas vivências. Recusa clichês e fórmulas prontas, traduzindo em versos a soberania de quem escolheu ser a arquiteta do próprio destino. Sua escrita transita entre a firmeza das conquistas pessoais e a sensibilidade dos encontros reais, transformando vivências em poesia com ritmo e personalidade.



Eu que sempre ergui muralhas, com as chaves na minha mão,
não buscava quem me salvasse da minha própria solidão.
Meu canto já estava pronto, minha vida em linha reta,
quando o sábado abriu espaço pra mudar um pouco a meta.
Não foi pressa, nem promessa, foi o tom da sua voz,
perguntando do meu mundo, desatando os meus nós.
Olhou para a minha essência, quis saber quem sou eu,
e o respeito fez morada onde o susto se perdeu.
Não preciso que me pague a conta, nem que guie o meu andar,
mas aceito o teu abraço se for pra somar.
O amor de quem tem história não é falta, é transbordar.
É paz de encontrar um porto sem ter que se anular.





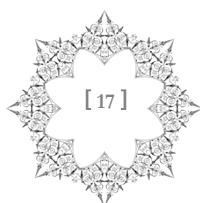
APRESENTAMOS

FUNDAÇÕES

POR CAMILA SOUSA CASSEMIRO

Escritora e dona da sua própria trajetória, constrói sua literatura a partir da independência e da força de suas vivências. Recusa clichês e fórmulas prontas, traduzindo em versos a soberania de quem escolheu ser a arquiteta do próprio destino. Sua escrita transita entre a firmeza das conquistas pessoais e a sensibilidade dos encontros reais, transformando vivências em poesia com ritmo e personalidade.

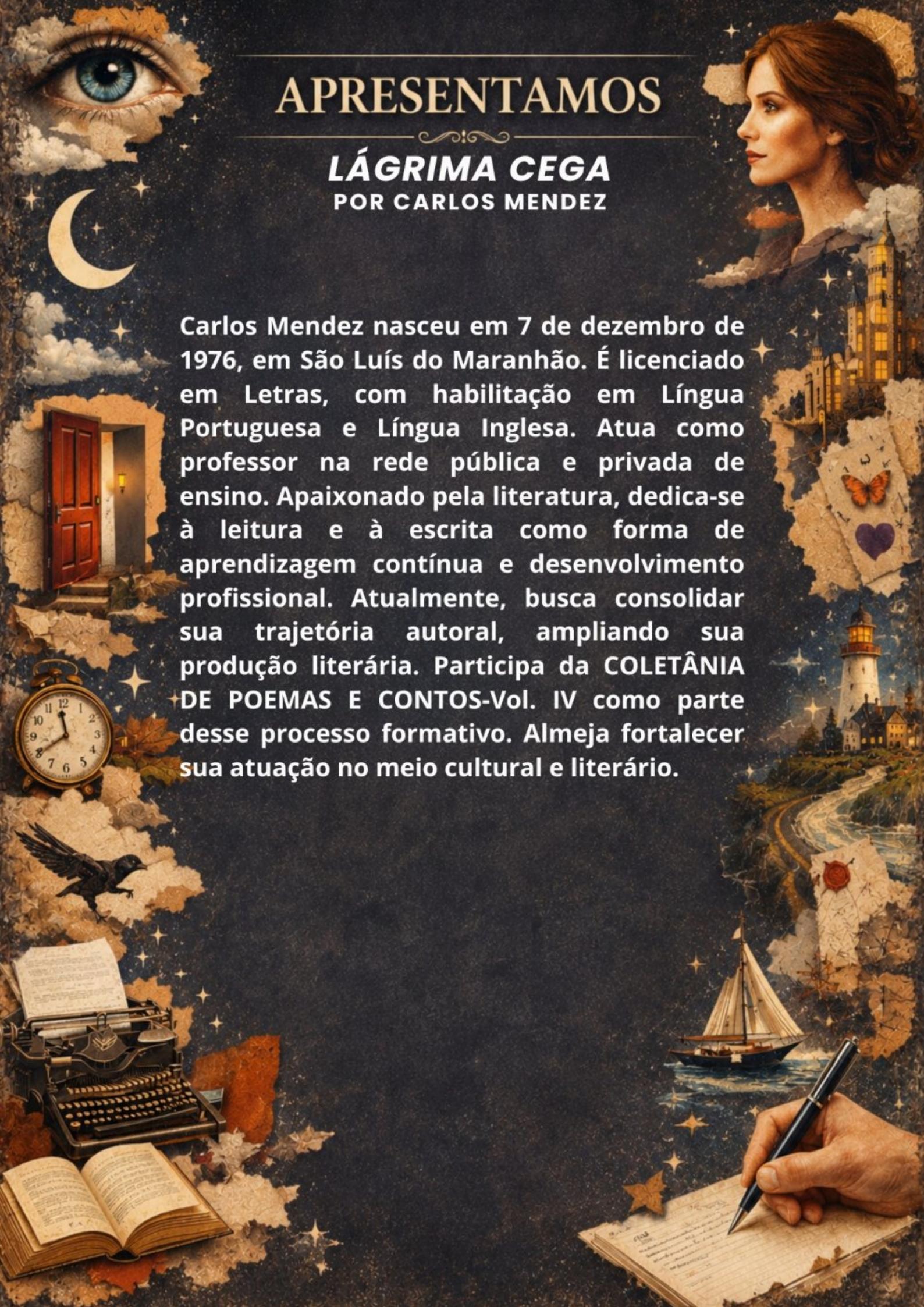
Não me falem em vento de sorte ou em linhas traçadas no além.
O teto que hoje me cobre não deve favor a ninguém.
Achei o meu próprio prumo: fiz do meu nome o meu cais.
Quem ergue a casa no soco não volta atrás nunca mais.
Disseram que era vaidade, teimosia ou falta de jeito.
Mas o que pulsa na carne é o avesso do medo no peito.
Não há plano B na gaveta, nem trégua na minha jornada.
Minha meta é manter o terreno da terra que foi conquistada.
Venci a barreira do escuro, mudei o final do enredo.
Meu canto é meu templo sagrado, meu chão não aceita segredo.
Se o mundo exigir que eu recue, respondo com passo valente:
quem tem a chave do próprio destino não aceita viver dependente.



APRESENTAMOS

LÁGRIMA CEGA POR CARLOS MENDEZ

Carlos Mendez nasceu em 7 de dezembro de 1976, em São Luís do Maranhão. É licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Atua como professor na rede pública e privada de ensino. Apaixonado pela literatura, dedica-se à leitura e à escrita como forma de aprendizagem contínua e desenvolvimento profissional. Atualmente, busca consolidar sua trajetória autoral, ampliando sua produção literária. Participa da COLETÂNIA DE POEMAS E CONTOS-Vol. IV como parte desse processo formativo. Almeja fortalecer sua atuação no meio cultural e literário.



O vento parecia doce.

Luíza percebeu isso antes mesmo de abrir os olhos. Havia algo no ar daquela tarde, um gosto fino, quase imperceptível, que encostava no rosto como se quisesse ser sentido por dentro. Ela ficou parada à porta de casa, o corpo inclinado para fora, como quem espera um sinal. A madeira antiga rangia às suas costas, mas ela não se movia.

Na face, sentia o paladar.

Aquilo sempre voltava quando pensava nele.

Não era lembrança exata, nem imagem. Era mais como uma presença diluída — um jeito de chegar que não dependia de passos. Luíza já não sabia dizer há quanto tempo esperava; só sabia reconhecer o instante em que a espera começava de novo. Havia ternura nisso, uma ternura estranha, que nascia sem motivo claro e se instalava no corpo como um hábito.

O hábito de vê-lo chegar. Ou quase. Porque nunca chegava de fato.

A estrada de terra seguia vazia até onde a vista alcançava. À esquerda, o campo seco. À direita, a descida longa que levava ao mar — embora dali ela não pudesse vê-lo, apenas imaginá-lo, repetindo o movimento das águas como uma promessa que não se cumpre.

A cada momento que não o via, uma pequena tristeza crescia.

Luíza sentia isso primeiro no maxilar, uma tensão leve, como se mastigasse algo que não estava ali. Depois, no fundo dos olhos, onde começava um peso que não se explicava. Não havia nada diante dela — nenhum vulto, nenhum som, nenhum sopro — mas o corpo reagia como se houvesse.

Era o começo de uma lágrima.

Ela não caía de imediato. Ficava suspensa, como se também esperasse. Luíza levava a mão ao rosto, às vezes, não para secá-la, mas para confirmar que estava ali. Era estranho depender de algo que não se via direito — uma umidade breve, um traço incerto.

"Parece estranho", pensava.

Mas algo se movia.

Talvez fosse o vento, sempre o vento, tocando o mesmo ponto da pele como se conhecesse um caminho antigo. Talvez fosse o gosto — essa impressão de que o mundo podia ser provado, mesmo quando nada acontecia. Ou talvez fosse o próprio tempo, passando por dentro dela em vez de ao redor.

"Já é muito tarde."

Ela repetia isso sem perceber.

"Mais um dia."

Luíza entrou na casa, caminhou até a mesa e ficou ali, de pé, olhando o copo vazio. Havia marcas antigas na madeira — riscos, rugas, manchas, pequenas cicatrizes que ela nunca limpou. Tudo permanecia como estava desde antes. Desde quando ainda havia alguém para chegar.

"O filho da terra", pensou.

Era assim que o chamava agora, como se o nome verdadeiro tivesse se desgastado com o uso. Alguém que partira pela estrada, descendo em direção ao mar, prometendo voltar antes que o vento mudasse. Mas o vento mudara muitas vezes desde então, e o mar — o mar não trazia ninguém de volta.

Luíza voltou à porta.

"Peço que ele chegue logo."

Não disse em voz alta. O pedido já não precisava de som. Era um movimento interno, repetido tantas vezes que se tornara parte do corpo. A cada momento, o sentimento se acumulava, como camadas de um mesmo dia que nunca terminava.

A estrada continuava vazia.

O vento, doce.

E então, de novo, aquilo: o começo da lágrima, descendo sem direção, sem motivo visível.

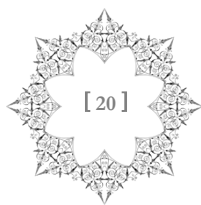
Luíza não tentou impedi-la.

Porque sabia — de algum modo sabia — que não era sobre ver.

Nunca foi.

No fim, restava apenas isso: um sentir sem prova, uma espera sem forma, um nome que já não respondia.

E a lágrima, cega, percorrendo o rosto como se buscasse um caminho que não existia.



APRESENTAMOS

UM UNIVERSO EM TRANSLAÇÃO

POR ERIKA CAROLINE DE OLIVEIRA CAVALCANTI

Graduada em Pedagogia, Especialista e Mestre em Educação, Neuropsicopedagoga e Doutora em Ciências da Linguagem, atuou como docente da Educação Básica ao Ensino Superior, e como coordenadora pedagógica e administrativa em escola pública, além de voluntária em escola filantrópica e em função administrativa em setores públicos municipal e federal. Apaixonada por histórias, assídua leitora e cinéfila, desde criança rascunha ideias literárias. Pedagoga pelo Estado de Pernambuco, atua como Analista em Gestão Educacional, além de parecerista e autora acadêmica, membro de grupo do CNPq e grupo literário de sua cidade natal.



No colorido dos sonhos
No mundo da fantasia
As brincadeiras em harmonia
Chamam a atenção
O que alegria o dia
Brilha e irradia
Todos os sonhos à noite
Que não mais assustarão.

No colorido dos sonhos
A infância acontece
Brinca e enaltece
O viver não tardio
Daquela fase de ouro
Para muitos saudosa
Por não voltar majestosa
Para este mundo vazio.

No colorido dos sonhos
As aves voam no céu
E no painel de homenagens
Desenhado a pincel
Nuvens e flores bailam
E surgem no ar
Ramos e cascatas tecem
E brincam ao flutuar.

No túnel daqueles sonhos
O colorido misturava
O universo que firmava um lúdico belo dia
De um jacaré que se bronzeava na praia de um vilarejo
Olhando o cervo atrás de um tejo

Em vasta alegria
E um padeiro que nunca parava
Ao lado de um elefante que pensativo ali estava
Com cachorrinhos de laços e gatinhos em disparada
E a garça que não voava, mas imponente não destoava
Isso em espaços de belos relevos, e enlevos de grande graça.

No túnel daquele universo
No percurso interestelar
Aos sons da melodia
O colorido era solar
Cristais flutuavam
Gavetas e Janelas...
Tempo e espaço...
Sonhos para brincadeiras
Brinquedos para sonhar
Estrelas de uma vida
Brilhando o inovar
Como uma banheira improvisada
Com uma manta pra brincar
De carrinho amarelo
Na sala de estar
E a TV como um cinema de 14 polegadas
No tapete de uma grama
Pra nadar na escalada

Mas...
Vestidos e laços
Chapéus e cantorias
Anunciavam que mais um ciclo
Naquele universo surgia:

Carinha engraçada

Olhinhos de jabuticaba
Bochechas rosadas
Com atenção redobrada
Boneca enfeitada
Pacotinho engraçado
Tanta roupa e casaco
Como um brinquedo brincava
Boneca de verdade
Entre risos e gargalhadas
Na bagunça espalhada
Saltava e alegrava.
A sapeca, dança e pula
Tenta abrir o portão
Fujona! Passou o circo!
Flagra e microfone na mão...

...

No espaço e no tempo ali permanece
Cada astro que toda vida enobrece
E no colorido dos sonhos
Que encantam e acontecem
Baila no firmamento
Cada universo
Que sorri e agradece.

E assim, no passo da valsa
A vida triunfante
Crescendo e descobrindo
Sorrindo relutante
Dança de mãos dadas
Com o movimento e a rotação
E posa para o dia

Para na fotografia
Registrar sua epifania
Em mais uma translação.





APRESENTAMOS

O ALIENÍGENA

POR ERIKA CAROLINE DE OLIVEIRA CAVALCANTI

Graduada em Pedagogia, Especialista e Mestre em Educação, Neuropsicopedagoga e Doutora em Ciências da Linguagem, atuou como docente da Educação Básica ao Ensino Superior, e como coordenadora pedagógica e administrativa em escola pública, além de voluntária em escola filantrópica e em função administrativa em setores públicos municipal e federal. Apaixonada por histórias, assídua leitora e cinéfila, desde criança rascunha ideias literárias. Pedagoga pelo Estado de Pernambuco, atua como Analista em Gestão Educacional, além de parecerista e autora acadêmica, membro de grupo do CNPq e grupo literário de sua cidade natal.

Através do portal atravessava uma nave
Ajustada em circuitos que permitissem um contato
Por pouco tempo o visitante permaneceria
Porque o planeta era selvagem de fato.

O povo era primitivo e falsamente acolhedor
Extremamente hostil vivia do brio adoecedor
Em descobertas transformava tudo sem encargo
Por uma ilusão que só o levava ao “buraco”.

Buraco sem fundo da ignorância
Mal conseguiam desenvolver uma comunicação
Só balbuciavam o amor-próprio
E o senso de coletivo não tinha vazão.

O lugar era árido:
Onde havia mar, estava o sertão
E quando o sertão virou mar
A seca pegou a contramão.

O alienígena tentava encontrar
Alguma criatura dócil que pudesse falar
Mas só identificava hostilidade
E de onde existia maldade
Saía sem propósito a continuar.

Não colhia de “solo impróprio”
Tudo estava contaminado
Embora quisesse, não desistia
Relutava e não perdia
O pouco ânimo que lhe restava
Naquele asfalto mal cuidado.

A natureza era raridade
Ele ainda buscava essa singularidade
De campos, flores e belezas
Que virara lenda e miudezas
Nos painéis pintados para a longevidade.

Esquadrinhava cada canto
Um pedaço de vida para pesquisas
O tão belo e saudoso encanto
Alguma esperança ainda não vista.

Em outras expedições já havia tentado
Até ter encontrado determinada criatura
Que julgou ter sensatez e brandura
Para finalmente darem o primeiro passo.
Mas qual foi a surpresa que o esperava?!
A criatura apenas armara uma cilada
Sua aparente gentileza, cheia de vileza
Pretendia escraviza-lo para uma jornada.

Entre mistérios e dominações
Para conquistas e expedições
A criatura pensava em destruir para com poucos existir
Usando a tecnologia alienígena para usurpar o semelhante
Explorando ainda mais aquela terra tão sofrida e agonizante.

Antes do golpe de aprisionamento fatal
Da gentileza sem escrúpulos e o mal
O alienígena conseguiu fugir
Para proteger o que ainda havia
Da pouca vida que ainda resistia
No universo que os envolvia.

A viagem pelo universo
Cheia de perigos e riscos intensos
Não se comparava a sua chegada
Ao que ali lhe esperava
Entre tantos intentos.

Seria difícil chamar a atenção
Sobre tanto engano e poluição
Com aqueles mísseis que destruíram sem cessar
E substituíram todo o comunicar.

O pouso da nave foi um pouco difícil
Mas para a saída, seria ainda mais
A atmosfera era densa e escura
Daquele planeta em rasura
Que algum dia, talvez, teve paz.
Planeta que deveria chamar-se Névoa
Mas que por alguma razão tinha o nome de Terra...

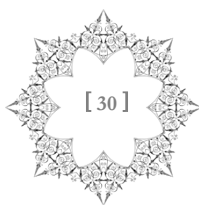
O alienígena era uma antigo habitante
Que havia descoberto um modo reconfortante
De viver em segurança em um novo lugar
Por meio de expedições décadas antes.

Considerado morto por não conseguirem contato
Ele voltou e desconheceu o que havia encontrado
Ninguém mais que o reconhecesse
O século passou sem que o mundo entendesse.

O alienígena temeu, mas sim, o tempo avançou
De fato, solitário estava
O povo acelerou sua autodestruição

E em uma sequência padrão não mais ouvia a razão
Sendo a sobrevivência o que agora restava.

Na tentativa de avisar do novo
Revelar-se do passado e ajudar o povo
Quase preso e morto, ele era um estranho
Nada conseguia fazer
Passou a ser um alienígena tentando sobreviver
E buscando alguma criatura que o ouvisse para também socorrer
Aquela humanidade que caminhava rumo a um perecer
Até o dia em que ali, ele não mais pudesse permanecer.



APRESENTAMOS

MAR

POR GRACCIENE FARIAS

Gracciene Farias é escritora e ativista brasileira. Formada em Administração e Pós-graduada em Gestão Pública, Liderança e Gestão de Pessoas, utiliza a literatura como um remédio, transformando sentimentos, dores e vivências em palavras que acolhem, conscientizam e inspiram. Sua escrita é marcada por relatos intensos sobre superação, maternidade, perdas, trombofilia e a força feminina diante das adversidades da vida. Fundadora do projeto "Vivendo com a Trombofilia" e presidente do IBT Instituto Brasileiro de Trombofilia, dedica-se à produção de textos, poemas e reflexões que alcançam milhares de pessoas nas redes sociais e em projetos literários.



Eu fui concebida no mar,
onde as ondas guardam segredos,
e o vento conhecia meu nome antes mesmo do primeiro respiro.

A espuma, como um véu invisível,
tocou meu destino ainda em silêncio,
como se as águas já soubessem
que eu jamais pertenceria à terra.

Eu nasci no ventre azul do mundo,
na imensidão que pulsa vida e mistério,
onde cada maré carrega memórias antigas,
e cada onda conhece o começo e o fim.

Minha infância foi à beira-mar.

Cresci entre conchas espalhadas na areia,
algas dançando nos meus tornozelos
e peixes pequenos brilhando entre meus dedos.

Eu corria descalça,
com o sal na pele e o vento nos cabelos,
como quem nasceu livre demais
para caber em qualquer outro lugar.

E o baiacu...

Ah, ele era meu cúmplice, meu pequeno amigo.

Eu o segurava nas pequenas mãos de criança,
passava os dedos devagar sobre sua barriga inflada
e ria daquela estranha delicadeza do mar.

Depois, eu o soltava novamente nas águas,
como quem devolve ao oceano
um pedaço da própria alma.

As conchas eram minhas irmãs silenciosas.

As algas me abraçavam como família.

O mar não era paisagem:

era casa.

Era colo.

Era linguagem.

Mas nem sempre as águas conheceram apenas ternura.

Ainda bebê, o mar ouviu um choro que não era de vento.

No mesmo azul onde minha vida começou,

tentaram interromper minha existência.

Mãos que deveriam proteger

quase me entregaram ao fundo sem retorno.

Mas outras mãos, guiadas por um amor feroz,

arrancaram-me da beira do abismo.

E o mar viu tudo.

Guardou o silêncio das coisas profundas,

como uma mãe antiga que observa sem julgar,

que acolhe até a dor

e transforma feridas em correnteza.

Talvez por isso eu nunca tenha conseguido partir dele.

Porque existe algo nas águas

que reconhece minha alma.

Algo invisível me chama quando a maré sobe,

algo que me embala quando o mundo pesa demais.

Sou filha da imensidão.

Filha desse azul sem fim,

que acolhe os perdidos,

cura os partidos

e ensina que até a tempestade
faz parte do caminho.

Por isso, onde quer que eu esteja,
o mar vive em mim.

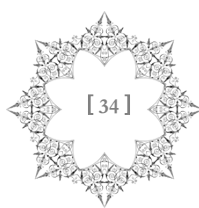
Nas minhas lágrimas.

No meu silêncio.

Na força que ninguém entende.

Porque minha raiz não nasceu da terra.

Minha raiz nasceu da água.

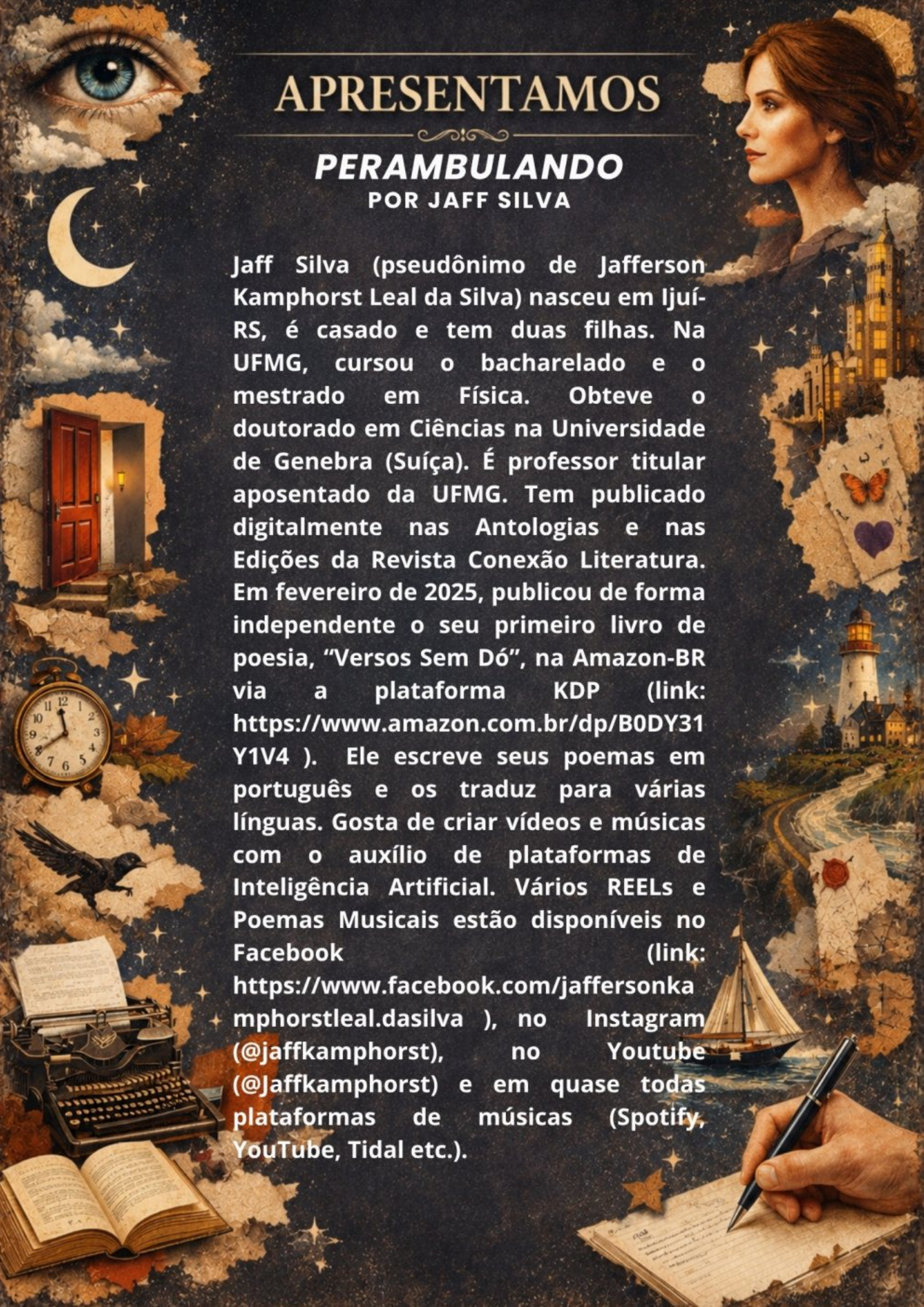


APRESENTAMOS

PERAMBULANDO

POR JAFF SILVA

Jaff Silva (pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas. Gosta de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial. Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas plataformas de músicas (Spotify, YouTube, Tidal etc.).



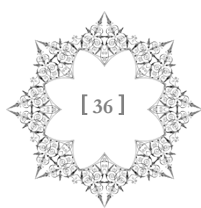
Perambulamos pelo mundo
Sorvendo o próprio ar,
Ganhando o pão fecundo,
Com cores a vasculhar.

Nossa alma é consciente
Do destino — nosso final—
E distraí-la do que sente
É lida essencial.

Um poemeto distinto,
Uma música delicada,
Um jantar com vinho tinto,
Você e a bem-amada.

E, para nos reconfortar,
Um fim de tarde no lar:
Reunir toda a família
Apenas para falar...

Dos sentimentos profundos
De cada um dos nossos mundos.
Sangrar velhas tristezas,
Cantar novas belezas.

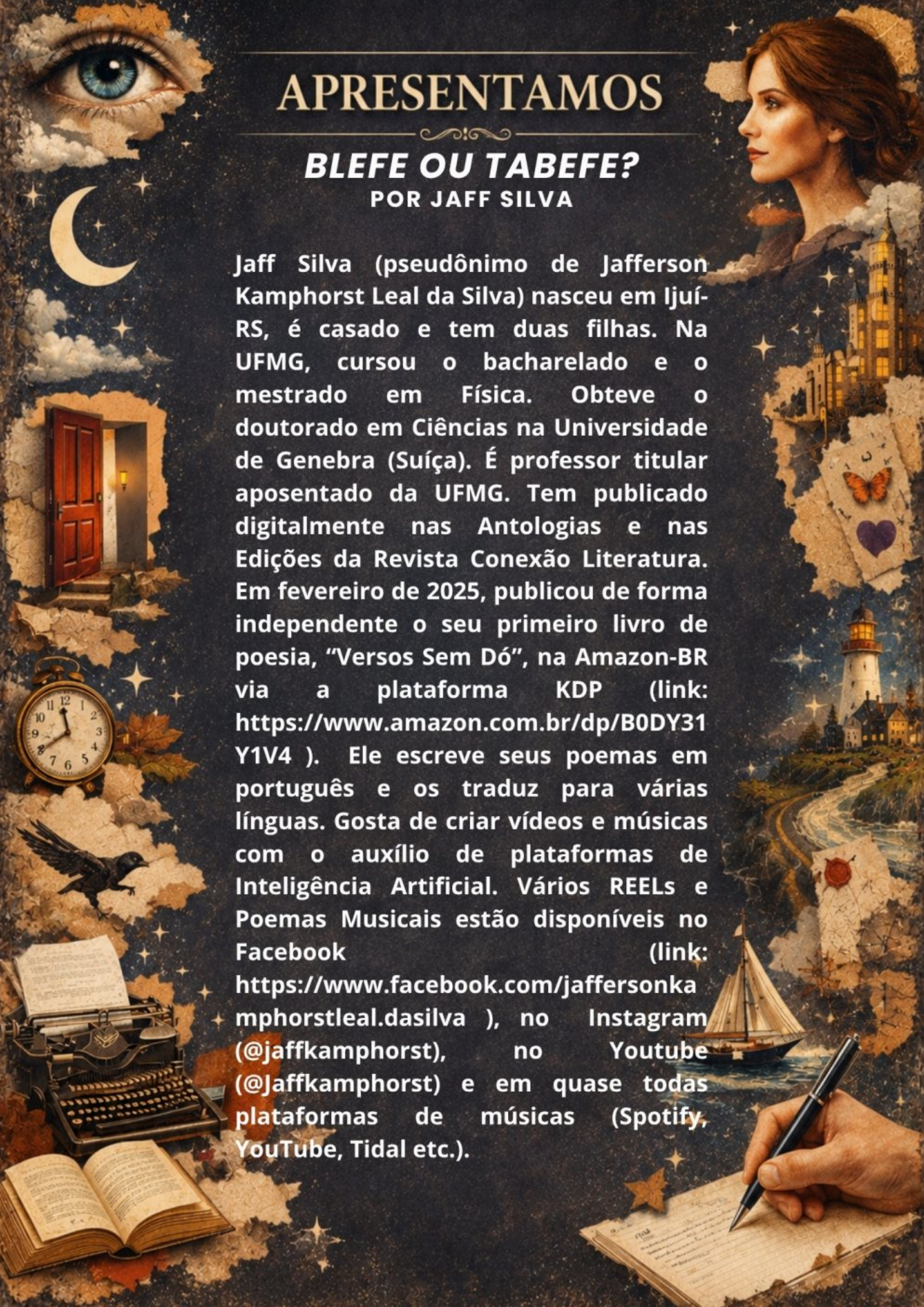


APRESENTAMOS

BLEFE OU TABEFE?

POR JAFF SILVA

Jaff Silva (pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas. Gosta de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial. Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas plataformas de músicas (Spotify, YouTube, Tidal etc.).



Blefe ou Tabefe?
Derrota ou lorota?

Vamos enterrar uma civilização
Milenar atacando pelo ar!

Reescreveremos a arte da guerra
E pelo sagrado guerrilhar
Destruiremos a Terra.

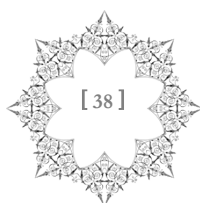
Não faremos guerra de rua,
Voaremos e destruiremos a Lua!

Nós com muita arte
Acabaremos com Marte!

Blefe ou Tabefe?
Derrota ou lorota?

A estupidez não tem limite,
A intolerância, não há quem não imite.

Gente vai perecer.
E quem sobreviver,
Além de sofrer,
Vai odiar o outro até morrer!





APRESENTAMOS

ME CHAME DE SAUDADE POR KAIROS ARTHEMIC

Kairos Arthemic é o pseudônimo de escrita utilizado por Heloísa Santos. Natural de Aracaju e residente de Lagarto, ambos em Sergipe, começou a escrever desde de cedo motivada pela escola, e ganhara vários concursos de escrita na mesma instituição. Atualmente, estuda letras português-francês na UFS (Universidade Federal de Sergipe) e pretende profissionalizar-se em escrita e tradução.

Eu odeio poesia, mas minha alma é poeta.

Sou feita das palavras que voam com o vento, que ardem como chamas; das dores viscerais dos arrependimentos; do passado; do que foi e do nunca será dito.

Sou um eterno vão oco, entre o que foi e o que nunca será, o que poderia e o que era. Do sempre e do jamais, do nunca e do agora, do passado e da dor.

Poesias joram de dentro de mim, como água de chamarizes; são os filhos rebeldes que insistem em nascer e crescer, por uma jovem mãe pouco esperiente, mas que os ama e se surpreende a cada dia com eles.

Poesia e saudade andam lado a lado.

Ela pulsa em minhas veias com a mesma velocidade que um cavalo corre ao ar livre.

Ela sou eu, e eu sou ela, mesmo que não goste muito.

Minha existencia é marcada pela ausência, pelas lágrimas que leva o vento, pelas dores e risadas de outrora, trancadas na imensa masmorra da torre do esquecimento.

Me chame de saudade.

Me chame de dor, me chame de luta, me chame de horrível, me chame de sem coração, mas saiba que eu não tive culpa.

Não fui eu quem o impediu de viver o que queria.

Suas lágrimas não são as minhas.

Seu arrependimento não é produto meu.

Me chame de assassina de esperanças, devorada de sonhos, estrela impossível ao toque, mas não me culpe.

Na casa 597, na rua da alameda 101, bairro Boca Uva, minha casa, todos os dias chegam cartas. Elas me falam de dor, de buracos profundos, de pessoas invocadas.

Saudade também é arrependimento.

Saudade é a dor do não dito.

Saudade é a possibilidade jogada fora.

Saudade é o que já foi, poderia ter sido, mas nunca será.

Saudade sou eu.

É do que sou feita, é o que me move, é o que eu crio, é o que pulsa nas minhas véias.

É a dor e a falta de ar do meu peito, é a tristeza e a voz fraca na garganta, é o lampejo e a esperança.

Sou eu.

E eu sou ela.

Feita dela. Para ela. Ela.

Saudade é algo nunca vivido, mas que se sente falta com todo o coração.

É algo que doi, mas que já não mais nos pertence.

E a junção de passado e imaginação.

É a degredação do real, pelo agradável.

É uma fantasia que criamos quando nos apegamos a água que nunca mais correrá por nossos dedos; que escorregou para sempre de nossas mãos.

Ou a ideia daquela que jamais correrá ou correrá.

Saudade, dor, falta e remorço andam lado a lado; são companheiras de quarto na pensão da tristeza.

Apagam pouco a pouco o real, e criam algo a que realmente vale a pena se apegar.

Saudade é uma invenção para lidar com o peso da falta, a dor da partida e a realidade do não querer.

E eu preferia que ele tivesse enfiado uma faca nos meus olhos.

Doeria menos do que ver aquilo.

Doeria menos a junção da dor aguda e do sangue pingante, do que vê-lo feliz com outra.

Isso é saudade: é a tragédia do que nunca retornará.

É a dor da partida, o cheiro da despedida, as lágrimas que deixam um vazio, a escuridão que desce como um véu ao coração

É por isso que aperta, dá e passa, volta e vai.

Saudade é uma criança inquieta que ama pular em poças de lama.

É a abelha que insiste em entrar pela janela, é a estrela que continua brilhando no eclipse, e o sangue que nunca cesa.

É o vento que foge por nossos cabelos, é a mão da madrugada chuvosa no ombro da alma solitária.

Isso é saudade.

Saudade é a limiar entre o desejar e o ter.

É o tocar, mas não possuir.

É o ver e não sentir.

É o estar ao lado, mas não poder olhar.

É o ser, mas não estar.

É dela que sou feita, e é pra ela que retornarei.

Eu sou ela, ela sou eu.

Me chame de saudade.

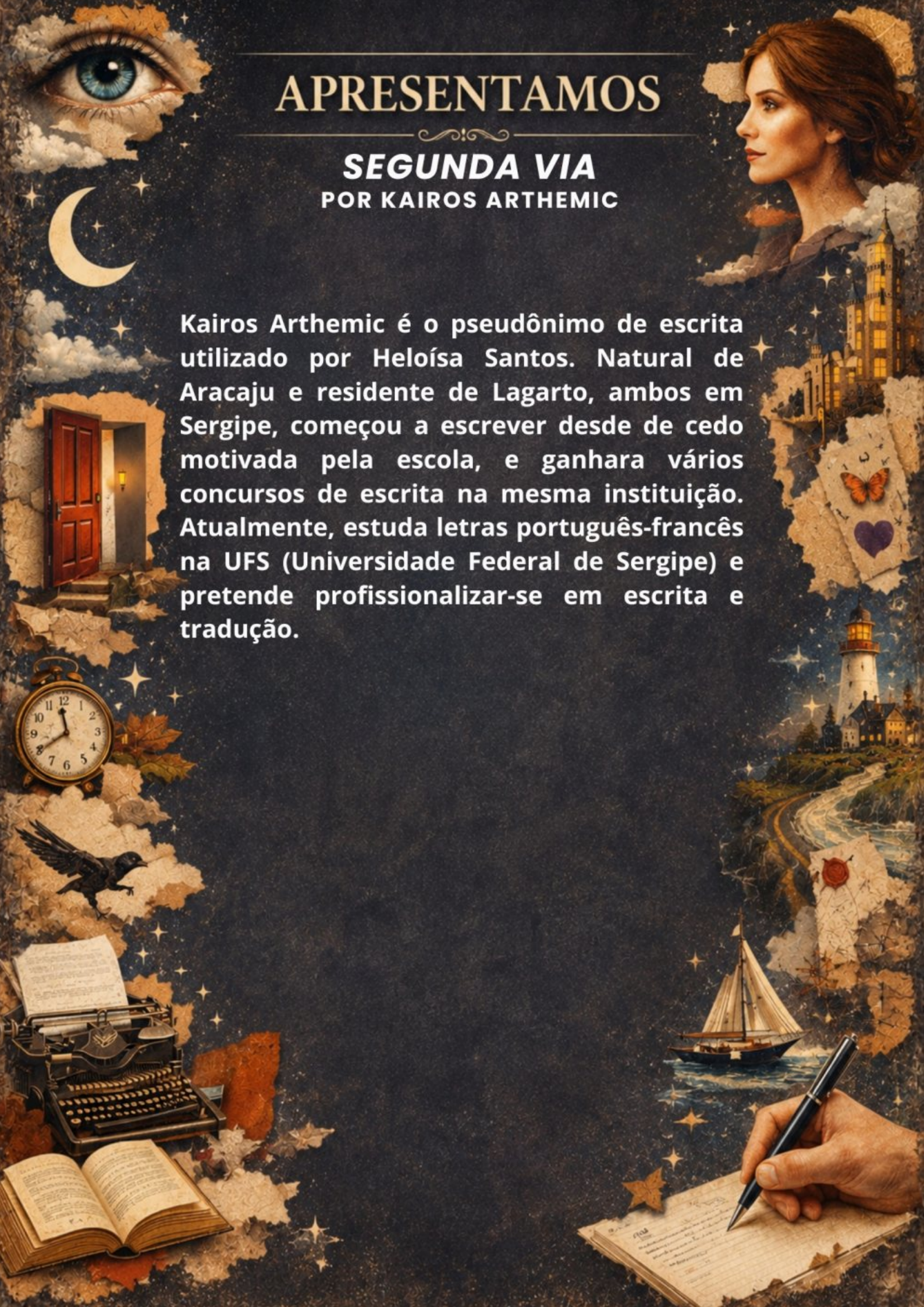
E a saudade, chame de mim.



APRESENTAMOS

SEGUNDA VIA POR KAIROS ARTHEMIC

Kairos Arthemic é o pseudônimo de escrita utilizado por Heloísa Santos. Natural de Aracaju e residente de Lagarto, ambos em Sergipe, começou a escrever desde de cedo motivada pela escola, e ganhara vários concursos de escrita na mesma instituição. Atualmente, estuda letras português-francês na UFS (Universidade Federal de Sergipe) e pretende profissionalizar-se em escrita e tradução.



Costumava deixar as coisas se prenderem na minha garganta, me engasgarem e se perderem.

Odiava que elas me tirassem o ar, mas, mesmo assim, me deixava sufocar.

Hoje, estou aprendendo eu mesma a soltá-las. E você me ajudou.

Sinto que da última vez não disse o que queria.

Por isso, esqueça aquela carta. Fique com esta segunda via.

Eu não deveria ter me desculpado.

Me acostumei a me apagar do mundo, achei que ser invisível faria os outros pararem de me machucar.

Mas aí, eu te conheci, e todos os meus medos, as minhas dores, os meus traumas.... Tudo voltou e me bateu contra essa muralha que construí pra me afastar de mim.

Mas você me fez ver e ser como eu realmente sou; me fez ver o que sempre neguei; mas eu nunca falei com você, sequer olhei em seus olhos.

Eu queimo nessas chamas eternas.

Deixo as labaredas da ansiedade me lamberei e fico embebida com o cheiro dessa fumaça que me queima.

Me queima porque fiz tudo errado.

Me queima porque agora você me odeia.

Me queima porque não tenho outra chance.

Mas espero que essa segunda via te ache bem, e que não realmente me deteste.

Veja, cresci torcendo para tudo ser um conto de fadas. Mas você nunca ouviu minha música, como poderia exigir que dançasse o que eu queria?

Eu não deveria ter me desculpado.

"Você se desculpa por suas ações, não sentimentos", fui o que me disseram, tarde demais.

Eu não vou me desculpar por te escrever de novo. Não vou me desculpar pela minha primeira carta. Não vou me rejeitar antes de você.

Eu não vou me desculpar por ter visto estrelas em seus olhos, por te me apaixonado pelo seu olhar de lua minguante, por querer ver o seu sorriso todos os dias.

Mas eu me desculpo por ter sido tão dura comigo, por me ter dito que era horrível.

Eu me desculpo comigo, e com o corvo do lado da minha janela.

E pra você eu não digo nada, a não ser "eu te amo". E não sinto muito.

E não me desculpo.

E não sou culpada.

E não vou deixar minhas costas se dobrarem em vergonha por isso.

Eu nunca mais vou ter vergonha do que sinto.

E eu sinto que ainda te amo.

Quando me dei conta do que sentia, reconstruí meu castelo de lágrimas dos meus dezessete.

Deixei minha mente me envenenar, chorei madrugadas a fio. E não estou exagerando.

Eu sempre amo com todo o meu coração, talvez intensamente demais, talvez irrealista de menos.

Deixei minha pele queimar e sangue coagular ao meu redor.

Eu chorei. Ri. Sofri. E mudei. Não por você, mas sim pra você.

E percebi uma outra eu, alguém alegre, leve, que as pessoas gostam...

Você me fez exatamente como sempre quis, mas nunca soube como. Me fez me descobrir.

Pela primeira vez olhei no espelho e gostei do que vi.

E mesmo que agora, isso de nada mais adiante, pra mim é um mundo.

Eu costumava ter o velho habito de não assinar meus textos

Então tudo o que você leu, que antes era de um rosto sem face, pode refletir em mim agora.

Mas não é pra isso que estou aqui.

Estou aqui pra agradecer.

Agradecer por ter me feito mudar, e ser como eu realmente era.

Agradecer pelos meus novos amigos.

Agradecer por cada elogio que agora posso fazer, e cada amigo novo que tenho.

Não acho que um dia vá poder lhe dizer isso cara a cara, mas se der, eu não vou mais tremer como antes faria.

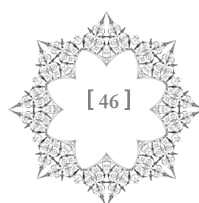
Espero que essa segunda via te ache bem, que realmente esteja feliz.

Espero que em noites de lua cheia e estrelas dançantes, olhe para elas e lembre que um dia alguém também te admirou assim.

Espero que um dia possa me deixar falar com você.

E espero que jamais mude quem você é, a não ser para o melhor, como me fez fazer.

E veja só, dessa vez eu assinei.





APRESENTAMOS

A MENINA E O FOGO POR KARINA LOURENÇO

Sou professora de História, moro no estado de São Paulo, na cidade de Ribeirão Preto. Sou apaixonada por livros e a arte da escrita, pela primeira vez resolvi divulgar algo que escrevi.

Quase todos os dias, sem querer, seus olhos acordavam às três da manhã!

A casa toda em silêncio; ouvia-se apenas os sussurros noturnos. Nas noites de verão, a orquestra das cigarras. Vez ou outra, o piar da coruja-buraqueira em seu voo solitário de caçadora.

E a menina sentia medo e entusiasmo, tudo dentro dela misturado.

Quando o entusiasmo era maior que o medo, ela abria a gaveta ao lado da cama e lá, no fundo, pegava a vela escondida junto com a caixinha de fósforos.

Contava até três e: xhuuuu!!! Acendia a vela. A chama subia e descia, como que para se acomodar no pavio. Então, dizia a vela para a menina:

— Clareada eu sou!!! A te guiar, eu vou!!!

E, dentro da menina, outra chama se iluminava. Ela agora estava viva, como se sonhasse acordada.

Calçada com seus chinelos, segurava firme o castiçal de prata, herança emprestada do armário de relíquias da vó Dita.

Passava pelo corredor escuro, mas não tinha medo nem pavor, pois à frente, limpando a penumbra, a luz da vela seguia firme, como um grande mestre.

A noite tinha um cheiro diferente!!! Um ar úmido que combinava com sua calma, mas também com os sons misteriosos dos contos assombrados da tia Emília.

Chegava até o quintal. Nessa hora, dava até um frio na espinha!!! O teto já não existia. Olhava para cima, onde o teto do mundo era o céu, tão grande que nem cabiam todas as estrelas dançando em sua retina.

Então, a menina e a vela começavam a explorar!!! A horta, com seus vários formatos e tamanhos, lembrava uma minicidade, com suas diferentes casas e prédios, e os pingos de orvalho em suas folhas pareciam iluminar-se.

Trepada na cerca, a rama de maracujá, com suas flores abertas, parecia uma linda fada de cores vibrantes sob a luz do luar.

E a menina se sentia como Alice em um reino de fantasia. Sua camisola era uma rica armadura, e seus cabelos cacheados, a coroa de uma rainha de um reino fabuloso.

E a chama da vela lhe dizia:

— Livre está!!! Fogo eu trago para você sonhar!!!

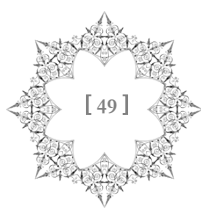
E a menina rodava no quintal, como quem gira com os pés fora do chão. Era magia pura aquelas noites no Quintal do Rancho Canção.

Mas tudo tem a sua hora de acabar. O tom levemente alaranjado do horizonte lhe dizia sem falar:

— Menina!!! Está na hora de retornar!!!

Ela então cruzava o quintal até a porta de entrada. Abria-a bem devagarzinho, com a destreza de uma gata-passarinho. Passo sobre passo, tudo calculado, cruzava o corredor sem se denunciar.

Já de volta ao quarto, sentava-se na cama e respirava bem fundo para saborear. Tantas aventuras vividas! Valeu a pena arriscar.



APRESENTAMOS

DESERTO

POR KELLY FLOR DE LIZ

Educadora e escritora, é graduada em Pedagogia pela UFPE. Com uma produção que abrange desde microcontos a sonetos clássicos, dedica-se à literatura como forma de transformação humana. Possui textos premiados e selecionados em diversas antologias literárias, aliando a prática pedagógica à sensibilidade poética.



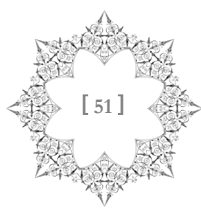
No meio de tanta areia,
No queimar de tanto sal,
Uma gota vinda do céu
Teria um peso mortal.

A sede de quem está lento
Na caminhada sem fim
Encontra animal peçonhento,
Couraça, ossos e marfim.

A vida espera a água pura,
No olho arde o peso do pó;
A sede é tamanha tortura,
Na garganta, o aperto de um nó.

Quem dera chovesse agora,
Desabrochando nova aurora,
Miragem no deserto, ao certo,
Que caminhada de amargura!

E, num relampejo sem sorte,
Um corpo coberto com véu
Esperou até sua morte,
Uma gota caindo do céu.



APRESENTAMOS

HUMANIDADE POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Assoc. ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala - Itália. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas - Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



O que acontece com a humanidade?
Contenção, deterioração, falta de amor...
O certo é que impera a maldade,
a não qualidade de vida, o dissabor.

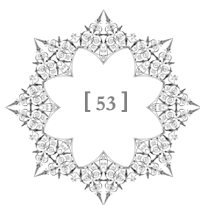
O que acontece com a humanidade?
Prevenção, falta de atenção, muita dor...
O errado é imperativo; não há caridade,
atitudes que trazem muito rancor.

O que acontece com a humanidade?
Falta de ensino, incentivo e valor...
Carente de atenção, estrutura e integridade,
o que traz para a sociedade só amargor.

O que acontece com a humanidade?
Empobrecida de valores morais, é inferior...
Sem amor familiar nem solidariedade,
esmaece toda a estrutura, perde o fulgor.

O que acontece com a humanidade?
Corrupção, violação, não se pune o infrator...
Politicagem, bandidagem: tudo é contra a dignidade,
castigada e desrespeitada pelo transgressor.

Então, o que será da humanidade?
Tão carente, oprimida, já tão sem valor...
Mudanças urgentes e vitais na sociedade
podem reverter esse quadro assustador!





APRESENTAMOS

MÃE DE AMIGO POR POMPA

Começou a escrever em 2010 e tem um site de textos curtos e bem-humorados. A página possui imagens próprias que remetem ao conteúdo das histórias. Também tem músicas autorais no YouTube: Pompa DF. Pseudônimo: Pompa.
Site: www.pompa.com.br

Existe uma frase que diz: “Mulher de amigo meu, para mim, é homem”. Mas e se for mãe de amigo? Também é homem?

Outro dia, encontrei o Leonardo. Fazia séculos que não o via.

— Grande, Pedro. Quanto tempo, hein?!

— Poxa, Léo. Pensei que você tivesse mudado de cidade. Não te vejo há anos.

— Brasília cresceu muito, Pedrão. Não é mais aquela cidade do interior da nossa adolescência.

— É verdade, Léo. Naquela época, a gente tinha a impressão de que todo mundo se conhecia.

— Você tem visto alguém da velha turma, Pedro?

— Vejo o Adriano com frequência. Nossos filhos estudam no mesmo colégio. Você se lembra do Adriano, Leonardo?

— Que o Adriano me perdoe, mas me lembro mais da mãe dele. Como era mesmo o nome da mãe dele, Pedro?

— Augusta, Leonardo. O nome dela é Augusta.

— Isso mesmo: Augusta. Ela não fazia academia como essas mulheres de hoje em dia e era linda do mesmo jeito.

— E a mãe do Gabriel, Leonardo? Lembra-se dela?

— Você também olhava para a dona Sofia, Pedro? Pensei que era só eu.

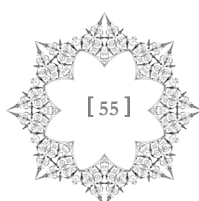
— Nós morávamos na mesma entrada do bloco. Cansei de descer com ela no elevador. Eu também a vi no clube algumas vezes depois que se divorciou do Carlos. A Sofia era um espetáculo!

— A Sofia se divorciou do Carlos?

— Há muitos anos, Leonardo.

— E você tem algum contato dela? WhatsApp, por exemplo?

— Não tenho, não. Mas vá com calma, Léo. Às vezes, esses devaneios podem ser nossas melhores lembranças.





APRESENTAMOS

O TOPETE DO ELVIS POR POMPA

Começou a escrever em 2010 e tem um site de textos curtos e bem-humorados. A página possui imagens próprias que remetem ao conteúdo das histórias. Também tem músicas autorais no YouTube: Pompa DF. Pseudônimo: Pompa.
Site: www.pompa.com.br

Foi um colega de trabalho que me convenceu a procurar uma cirurgiã plástica. Ele havia feito um transplante capilar e estava satisfeítíssimo com o resultado. Meu colega falou tanto sobre aquilo e me mostrou seu cabelo tantas vezes que resolvi procurar a mesma cirurgiã, de nome Martha.

O consultório da doutora ficava localizado em uma área nobre da cidade. A consulta era cara e o lugar, chique. Fui atendido na hora marcada e achei que aquilo era sinal de que alguma coisa boa me aguardava.

— Bom dia. O senhor é o Pompa? — perguntou a doutora.

— Sim. Sou eu mesmo.

— Por favor, entre.

Ela começou me perguntando o de praxe: quantos anos eu tinha, como havia conhecido a clínica, se tinha alergia a algum medicamento etc. Quando terminou o questionário, indagou:

— Então o senhor quer fazer um transplante de cabelos?

— Sim, doutora. É um sonho de adolescência. Quando era mais novo, queria ter os cabelos compridos iguais aos dos meus ídolos do rock. Teve um amigo que me disse que eu poderia ter um topete igual ao do Elvis Presley, se quisesse.

Ela fez força para segurar o riso, mas acabou dando uma gargalhada e comentou:

— Um topete do Elvis?! Primeiro, tenho que avaliar sua área doadora para saber se dá para fazer essa extravagância.

— O que é área doadora?

— É a parte de trás da cabeça de onde vamos retirar cabelo para o seu transplante.

Sente-se nesta cadeira para eu examiná-lo, por favor.

Eu me sentei, e a cirurgiã colocou uma luz forte sobre a minha cabeça. Depois de alguns minutos, veio o veredito:

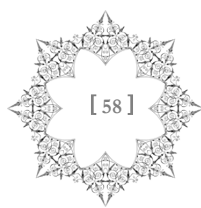
— Sua área doadora é muito pequena para fazermos um topete igual ao do Elvis. Vou ter que tirar cabelo de outro lugar.

— De onde, então?

— Do seu saco.

A doutora começou a rir novamente, e eu fiquei sem graça. Pensei em ir embora, mas me lembrei do preço exorbitante daquela consulta. Foi quando falei:

— Se a senhora passar a língua, os cabelos vão amolecer mais rapidamente e ficará mais fácil extraí-los. Quer tentar?





APRESENTAMOS

CAIXINHAS DE NATAL POR POMPA

Começou a escrever em 2010 e tem um site de textos curtos e bem-humorados. A página possui imagens próprias que remetem ao conteúdo das histórias. Também tem músicas autorais no YouTube: Pompa DF. Pseudônimo: Pompa.
Site: www.pompa.com.br

O fim do ano foi chegando e, com ele, os pedidos de doações. Naquele período, as chuvas castigavam alguns estados do Brasil, e havia milhares de necessitados. Fiz as doações no próprio trabalho, pois existiam várias caixas de coleta nas portarias da empresa.

Quando cheguei à seção, pediram-me para colaborar com uma vaquinha para o menor estagiário. Ele havia completado 18 anos e tinha que se desligar do programa. Outra servente, quando ficou sabendo do agrado ao adolescente, também pediu que contribuíssemos com ela, e eu consenti.

Era véspera de Natal, e eu havia recebido meu décimo terceiro salário. Enquanto trabalhava, pensava em ir até uma livraria no fim do expediente para gastar um pouco da grana. Ainda naquele mesmo dia, colaborei com mais uma caixinha. Dessa vez, foram os carregadores de material que pediram as doações.

A tarde estava quase no fim, e eu ficara encarregado de fechar a seção. Enquanto enrolava na internet, imaginava um livro de Martha Medeiros me esperando na livraria.

De repente, entrou uma senhora dizendo:

— Jesus te ama! Colabore com a caixinha da irmã.

Pensei comigo: naquele ritmo, eu é que teria de fazer uma caixinha para mim.

Mesmo assim, eu disse:

— Espere um pouco. Deixe-me ver aqui no meu bolso.

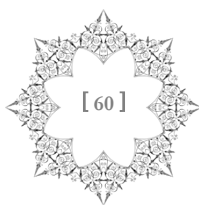
Olhei na carteira e havia uma velha nota de R\$ 1,00 e outra de R\$ 5,00. Estiquei a de R\$ 1,00 e falei:

— Feliz Natal, irmã.

A mulher me olhou com ar aborrecido e disse:

— É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus.

Nunca mais colaborei com aquelas malditas caixinhas.





APRESENTAMOS

QUEM MORRE VIRA SANTO POR POMPA

Começou a escrever em 2010 e tem um site de textos curtos e bem-humorados. A página possui imagens próprias que remetem ao conteúdo das histórias. Também tem músicas autorais no YouTube: Pompa DF. Pseudônimo: Pompa.
Site: www.pompa.com.br

Eu fui a diversos enterros durante a minha vida. Despedi-me de meus pais, de irmãos e irmãs, de tios e tias, de primos e primas, de colegas de trabalho e de infância e, até mesmo em funerais de inimigos, acabei prestando condolências.

Depois de toda essa vivência — ou "mortência" (não sei) —, uma coisa ficou clara para mim: a enorme capacidade que as pessoas têm de melhorar a biografia daqueles que estão partindo.

— Quem morre no Brasil vira santo.

É o que um amigo meu sempre dizia naqueles momentos.

Eu mesmo fui vítima de frases duvidosas a meu respeito no meu velório:

— O Edu era um excelente aluno — disse um professor que havia me reprovado duas vezes no ensino médio.

— Mais fiel do que o meu pet — disse uma ex-namorada que me viu latindo em outras freguesias.

— Um trabalhador exemplar — disse um primo que só me aceitava em sua empresa por pressões familiares.

— Um sujeito cuja única dívida foi ter nos deixado órfãos de sua presença — disse o gerente do banco, que sabia de todos os meus empréstimos.



APRESENTAMOS

TANINOS
POR POMPA

Começou a escrever em 2010 e tem um site de textos curtos e bem-humorados. A página possui imagens próprias que remetem ao conteúdo das histórias. Também tem músicas autorais no YouTube: Pompa DF. Pseudônimo: Pompa.
Site: www.pompa.com.br



Era aniversário da minha namorada, e eu queria levá-la a um bom restaurante. Liguei para um amigo, e ele me deu uma dica:

— Leva ela ao Larica's, Pompa. É um bom lugar.

Era cedo, e o Larica's estava vazio. Sentamos em uma mesa que eu havia reservado. O garçom apareceu:

— Boa noite. Aqui estão o cardápio e a carta de vinhos.

— Obrigado — respondemos.

Escolhemos rapidamente uma massa e pedimos uma indicação de vinho ao garçom.

— Recomendo os alentejanos — disse ele.

Minha namorada interveio:

— Não precisa dessa história de vinhozinho, Pompa. Eu tomo qualquer negócio.

Depois, a conta acaba ficando cara.

— Acalme-se, princesa. Você bem que merece tomar um “alenteijado” desses. Hoje é seu aniversário.

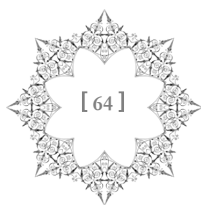
— Não é “alenteijado”, senhor. É alentejano — disse o garçom. — E aproveito para acrescentar que o alentejano tem os taninos acentuados.

— Paninos? — perguntei.

— Taninos, senhor. Dá para notar que o máximo que o casal fez na vida foi tomar suco de uva de caixinha — completou o garçom.

Diante da gracinha do atendente, minha namorada sugeriu que fôssemos embora. Saímos, e ela me levou para um restaurante chamado Brisa do Beck. O Beck estava no local e disse que tinha acabado de acender a brasa. Esperamos um pouco e logo fomos atendidos.

Seda pura.





APRESENTAMOS

ETERNAMENTE TE AMO! POR PUDIM

A escritora Pudim teve uma adolescência muito conturbada, passando por problemas amorosos e ilusões pessoais. Dessa forma, fez do pedaço de papel e da caneta seus melhores amigos para desabafar e se sentir leve para seguir a vida. A maioria de suas obras estão no site recanto das letras.

Estar ao seu lado é maravilhoso.
Você é meu tudo, meu complemento.
Nós dois juntos, o seu cheiro, o calor do seu corpo,
estão gravados, tatuados em minha memória.
Sei que nunca irei te esquecer; por isso, nem tento.
Mas você quer pôr fim a tudo,
trocar o nosso mundo de amor
por uma incerteza, uma irrealidade, um puro sonho.
Sofri tanto para te conquistar; lutarei por você.
Afinal, por ser o homem da minha vida, vale a pena.
Me entrego, me rendo; você me domina
nesse sentimento tão intenso que sinto.
O seu sorriso e o seu olhar me levam aonde nem imagina.
Você não tem o direito de me privar de viver,
e eu só vivo quando estou ao seu lado.
Quero te dizer: eternamente te amo!





APRESENTAMOS

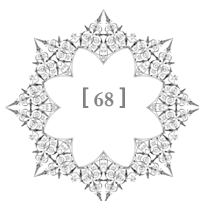
BALADA DA MENINA ROSA

POR RAUL SCHAEFER FILHO

O autor reside em Florianópolis/SC, é formado em Direito e exerce a advocacia, tendo publicado obra em poesia pela editora Autografia ("Nós em Poesia"), como também participado de diversas antologias com contos e poemas.

noite de festa
triste, enjoada
alegria falsificada
o vento sul congela

há um aroma estranho rondando
Rosa, a morena
menina em flor
alheia a disputa
gotas de solidão se espalham
e disfarçam a noite
que é tomada de melodia e enlevo
um doce perfume levanta em Rosa
que saracoteia, mexe, hipnotiza
a besta, à espreita, não contemporiza
e em trevas o grito corta a noite
empalidecendo a menina Rosa
cujo corpo desce lentamente ao chão
para fugir da festa, da tristeza
do enjoo
sem perfume, murcha.





APRESENTAMOS

ARREBENTE, ARREBENTE

POR RAUL SCHAEFER FILHO

O autor reside em Florianópolis/SC, é formado em Direito e exerce a advocacia, tendo publicado obra em poesia pela editora Autografia ("Nós em Poesia"), como também participado de diversas antologias com contos e poemas.

arrebente, arrebente
toda saudade imensa
a aflição torturante que arrocha
o ar que sufoca

arrebente, arrebente
a distância intransportada
todo amor esquecido
toda ferida sem cicatriz

arrebente, arrebente
o êxtase calmo da paisagem
como a causar uma implosão de alma
ferramenta de emoção
que conduz às vicissitudes em ponta-cabeça

arrebente, arrebente
as praias maculadas do país
as saias rotas da revolta
o definhar de todo corpo
a nugação como debilidade da solidão

arrebente, arrebente
todo peito obliado
toda cabeça desprovida de touca
toda dor que oblitera a fome
todo ventre arrancado em desespero.





APRESENTAMOS

RESGATAR A INFÂNCIA POR RENATA FALSON CAVALCA

Natural de Campinas/SP. Funcionária pública federal. Pós-graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional (IBDC), do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Direito Educacional (NEDUC) da PUC-SP e do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Estudos Ambientais Interdisciplinares da PUC-SP. Participante do Projeto COEDUCA – Coletivo Educador Ambiental de Campinas - Unicamp. Autora de várias obras e artigos científicos.

Terra frágil
Sem sustentabilidade
Mar aberto
Ódio, egoísmo e ambição
A sede de poder
Dominação
Trabalho infantil
Exploração sexual de crianças:
O corpo, o desejo, a morte, o refúgio
Rejeição, isolamento e preterição
Momentos obscuros do caminho humano
Guerras, violência e destruição
Dor, fome e miséria
Exclusão, migração, trabalho escravo
O homem é o lobo do homem
Angústias, choques e traumas
Cicatrizes e fragmentos
Abandono, solidão, desilusão
Assombro e declínio
A perda da inocência
O gemido silencioso dos pequeninos
Sem presente
Tudo escuro.
E o futuro?
Crianças sem amanhã
O que diriam os outros animais?
A pedra, o concreto e o excesso
O palácio venceu
A pessoa ficou para trás
Mas ainda há esperança, a âncora da alma
A fé movedora de qualquer montanha
Só a luz é capaz

O mistério de Cristo, o plano perfeito de Deus

Um pedaço de mar no calor das coisas

Fraternidade

O amor ao próximo

Humanizar e conscientizar

Romper o silêncio

Derrubar muros

Sermos pontes

O melhor que você tem para dar é agora

Resgatar a infância

A dignidade da pessoa humana

Não se calar

Denunciar

Correr, lutar e seguir

Deus é tão bom que nos permite

recomeçar todos os dias.

Tempo de retomada

Nós estamos no mar

Rotas de navegação

Para perseverança

Joelhos dobrados

Status: em oração

A Palavra de Deus é de todos, para todos

O que realmente importa

Aprender a ser reduzido ao amor



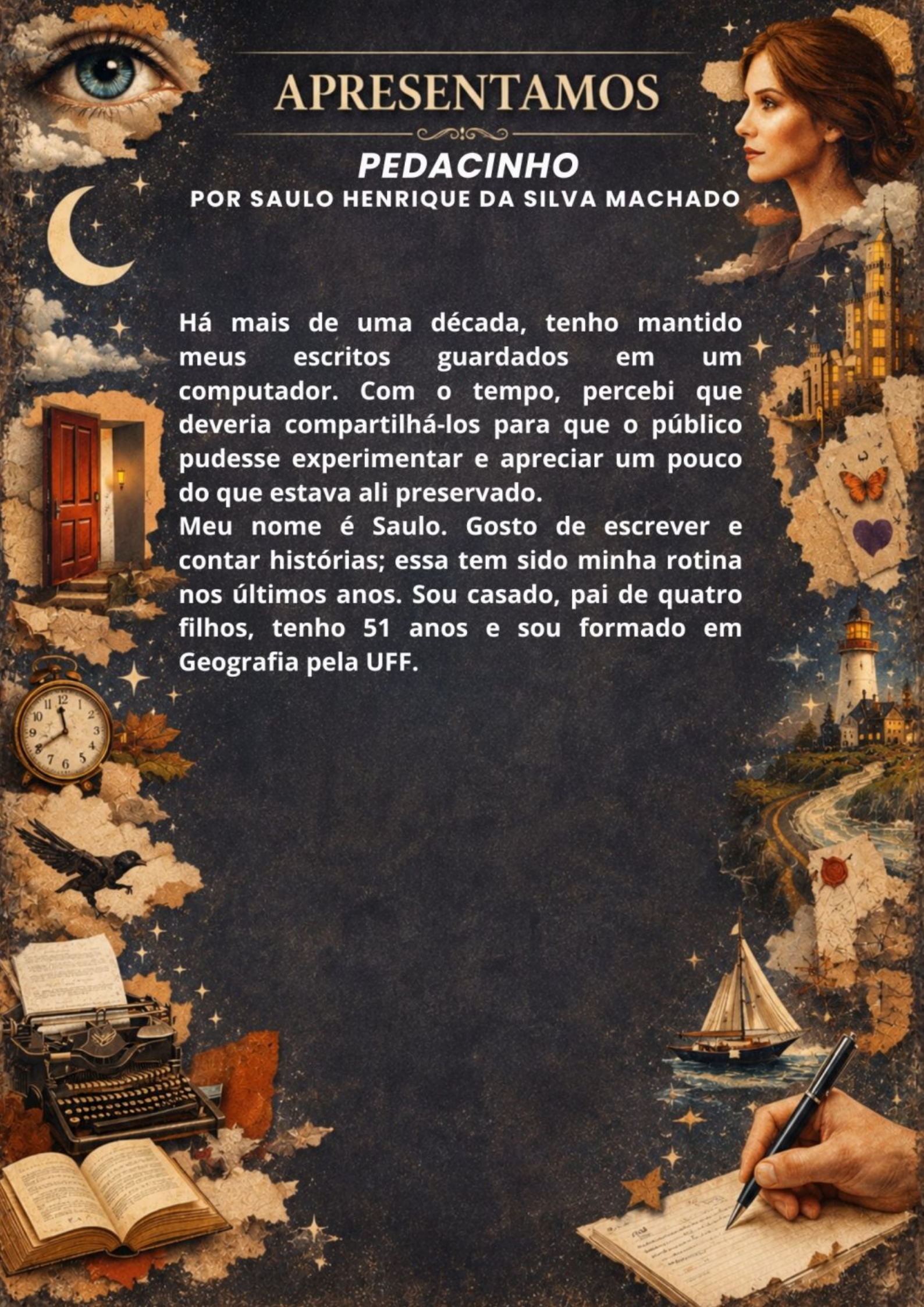
APRESENTAMOS

PEDACINHO

POR SAULO HENRIQUE DA SILVA MACHADO

Há mais de uma década, tenho mantido meus escritos guardados em um computador. Com o tempo, percebi que deveria compartilhá-los para que o público pudesse experimentar e apreciar um pouco do que estava ali preservado.

Meu nome é Saulo. Gosto de escrever e contar histórias; essa tem sido minha rotina nos últimos anos. Sou casado, pai de quatro filhos, tenho 51 anos e sou formado em Geografia pela UFF.



Pedacinho era assim que todos o chamavam, porque onde ele morava não atendia pelo nome e nem se comovia em responder se não fosse pelo seu apelido predileto, que era Pedacinho.

O pequeno garoto, belo e gentil, morava em uma periferia coberta pelas copas das árvores, onde seus pais comentavam que seus bisavós falavam que, quando se mudaram para aquele lugar, ali já havia belas árvores.

Cada uma mais bela que a outra, e todos se juntavam para ver o grande cenário quando ventava.

Vinham pessoas de vários lugares para ver de perto o mais belo espetáculo já promovido pela natureza, que era uma bela dança de árvores, que jogavam seus cabelos ao vento, requebrando-se até o chão, sem exceção das mais velhas, que faziam questão de também descer até embaixo, como quem dizia: ainda estou em forma.

Pedacinho tinha o hábito de, quando acordava pela manhã, beijar seus pais com um beijo especial, ao qual eles já estavam acostumados, ou seja, eram mimados pelo filho que os tratava com o maior carinho.

— Bibi, bibi, bibi! — gritava o garoto pelo bairro todo, correndo desesperado com uma das mãos ocupada pelo carrinho azul, que não era mais um carro, mas sim uma aeronave, porque, ao invés de andar, voava numa velocidade que dava para ir à Lua e voltar sem dar tempo de abotoar o capacete, de tão veloz que era.

Para ele, naquele momento, nada importava a não ser o prazer, a satisfação que lhe proporcionava aquela ocasião: brincar, correr, gritar, assobiar e usar sua imaginação sem limitação.

Embora ainda pequenino, possuía uma mente gigantesca que não cabia na Terra; tinha de subir para o espaço sideral para comportar suas ideias, que eram tantas.

— Filhoooooooo! — gritou sua mãe. — Vem almoçar, já está na hora. Depois você brinca, mas vem, bebê da mamãe!

Nada do garoto responder, e ela gritou novamente, já com a voz rouca e cansada de tanto chamar sem obter resposta. Resolveu então contar com a ajuda do companheiro, que foi mais além.

— Filhoooooooo! Onde você está, meu anjinho? Vem almoçar, já está na hora!

Sem respostas, o pai resolveu usar sua esperteza:

— Vem almoçar! Vou comer sua comida, hein!

Nada de respostas.

Então ele subiu até a ponta do morro, nas partes mais altas, onde usava um dos meios de comunicação mais antigos da Terra: o eco.

Sua voz pegava carona sem custo algum, abrangendo toda a comunidade, vindo de cima para baixo em uma velocidade que dava para ser ouvida até em outros bairros, que agora também começavam a ficar preocupados com o sumiço do garoto.

— Vou comer sua sobremesa, aquela predileta de que você gosta! — gritava o pai em alta voz, deixando todo o trabalho na responsabilidade do eco, que, com o auxílio do vento, levava cada vez mais longe e mais rápido sua voz desesperada em busca do garoto.

Onde está você, menino? Será que foi raptado?

Não, não, não. Não quero nem pensar nisso.

Mas ninguém pediu resgate. Então descartou essa possibilidade.

Pensou:

Deve ter caído em algum buraco fundo.

Não, também descartou essa hipótese, porque naquela região as partes altas não tinham acesso para as crianças por causa das árvores, que formavam uma floresta e davam a impressão de que alguma coisa perigosa iria saltar do meio delas para devorá-las. Além disso, os pais contavam que havia ali bichos grandes apenas para impedir que os pequenos entrassem e se perdessem.

Mas onde ele estava, afinal? Eu também já estou preocupado. O que aconteceu com o garoto? Será que está dormindo em alguma casa de seus amiguinhos?

Não, não é possível. Alguém já deveria ter me comunicado.

Expressou o pai, já irado com a situação.

Chegou a noite, e já se concentrava uma pequena multidão ao redor da casa do garoto, em busca de notícias. Nunca havia ocorrido tal fatalidade em toda a região.

Quando tudo parecia perdido, seu pai teve uma ideia: subir novamente às partes mais altas da montanha, encher os pulmões de ar e, com toda a força, gritar:

— Pedacinhooooo! Pedacinhooooo! Meu pedacinhooooo de genteeeee!

E o vento, juntamente com o eco, e o eco, juntamente com o vento, desceu dessa vez como um raio, atingindo os ouvidos do garoto, que saiu do seu esconderijo quase como um míssil, derrubando cadeiras, panelas e até mesmo pessoas que se encontravam em seu caminho.

Nem sua cadela Pelota escapou. Foi atropelada e ainda teve o rabo pisado pelo garoto, que correu ao encontro do pai.

O encontro dos dois foi meio estranho, pois o garoto, chorando, perguntava ao pai se ele o amava.

E o pai, comovido, meio irado, mas ao mesmo tempo alegre, respondeu:

— Claro que eu te amo, meu filho!

O garoto então disse:

— Estou até agora com fome, papai, esperando o senhor me chamar para almoçar. Mas o senhor saiu e não me chamou. Só agora ouvi meu nome, papai. Quando a Pelota some, eu grito vários nomes, mas ela só me dá atenção e late quando eu chamo o nome dela. Aí, onde ela estiver, vem correndo e balançando o rabo para o meu lado.

— Está bem, meu filho. Papai já entendeu. De hoje em diante, você será sempre meu Pedacinho, meu Pedacinho predileto.



APRESENTAMOS

VERMELHO POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.



Vermelho, cor da paixão!
Pela adrenalina, o amor energizado.
Quando o que se deseja,
merece ser rubro.
Como o mais ardente pôr de sol,
a incendiar o horizonte.

Cor da alegria,
que ilumina os corações
de quem sabe brincar sem medos
sem rancores.
E com a inocência dos puros,
que, ao seu próximo, são iguais.

Cor das mais belas rosas,
que aos olhos, encantam.
E enfeitam a noiva romântica.
A sonhar com amor forte e duradouro,
capaz de suplantar os obstáculos,
pela vida impostos.

Cor do sangue que mancha a razão.
E a vida de inocentes, verte ao chão,
em conflitos sem sentido,
despertados por homens insensíveis
e continuados por homens medíocres.



APRESENTAMOS

NA PRAIA POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Na praia, andava a consumir a manhã,
descalça.

A massagear os pés, na areia pouco fina.

Bom para relaxar, pensava...

Sentindo ligamentos e tendões,

até então, desconhecidos.

E a natureza tão próxima, tão presente!

Cheguei, como se dela, não fizesse parte.

Como a contemplar um desconhecido.

Ignorando a minha realidade de filha pródiga,

que quase sempre, longe,

à mãe, agora retornara.

O mar deixava-se cair suavemente,

sobre a praia.

Como se fora um amante, a visitar a amada.

E com ela, se mesclava,

sem limites definidos.

E sem atentar aos viventes daquela hora.

Crianças brincavam de fazer buraco, na areia.

Sem ligarem ao pai,

que talvez, para esquecer que um dia,

crescera,

sozinho e deslocado,

a empinar pipa, se distraía.

Um cãozinho preto e peludo,

desvairadamente, feliz e sem direção,

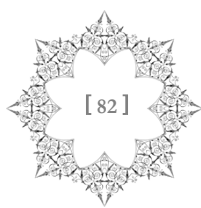
corria todo o espaço.

Depois, docemente jogado ao mar,

para dali, renovado sair
e ao dono se entregar
para outras parcerias.

Quase que num ritmo robótico, tantas pessoas,
a tirarem tantas fotos, em tantas poses...
Não seriam do local.
Certamente, que não!
Mas, de longe,
de um lugar sem os prazeres do mar.

Muitos indivíduos juntos,
em conversas sem propósito
ou nada conversando.
Ao sol, abandonados.
Deixando-se ficar,
apenas.
Sob o céu azul, defronte ao mar.





APRESENTAMOS

ERRO SEMÂNTICO EXISTENCIAL POR SOPHIÉN

Sonia Maria Martins, sob o pseudônimo Sophiën, escreve poemas e narrativas que transitam entre filosofia, espiritualidade e crítica contemporânea. Autora do projeto literário Mais Eu, desenvolve uma escrita reflexiva, simbólica e humana, explorando temas como impermanência, identidade, consciência e relações sociais.

O homem
aprendeu cedo
a precificar o mundo.

Colou etiquetas
na terra,
na água,
nos corpos,
na fé,
no tempo.

Transformou a existência
em investimento.

Chamou a ambição de mérito.
O excesso de sucesso.
A vaidade de autoestima.

E, pouco a pouco,
o verbo possuir
substituiu o verbo ser.

Sabe o preço das coisas.
O valor das ações na bolsa.
O metro quadrado da cidade.
O rendimento do capital.

Mas ignora
o custo invisível
das próprias escolhas.

Não calcula

o desgaste da alma.
O silêncio dos afetos.
A erosão da consciência.

Compra conforto
e vende presença.
Adquire status
e terceiriza a felicidade.

Constrói patrimônios
como quem ergue fortalezas
contra a própria impermanência.

Enquanto isso,
a contabilidade divina
permanece outra.

Não pergunta
quanto o homem acumulou,
mas o que fez
com aquilo que recebeu.

Que fizeste da inteligência?
Serviu à verdade
ou apenas ao orgulho?

Que fizeste do conhecimento?
Iluminou caminhos
ou alimentou vaidades?

Na abundância,
ergueu muros
ou repartiu abrigo?

E quando a vida
lhe retirou os excessos,
restou dignidade
ou revolta?

Porque o mundo
não mantém lugares fixos.

O rico de hoje
pode amanhecer ruína.
O esquecido de ontem
pode tornar-se referência.

A existência
move cadeiras
sem consultar vaidades.

E talvez seja justamente aí
que a alma aprende
o valor
que o preço jamais alcança.

Porque o espírito
não reconhece moedas.

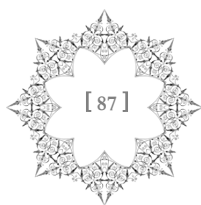
Reconhece obras.

Talvez o maior erro da humanidade
não tenha sido econômico,
político
ou científico.

Talvez tenha sido semântico.

O homem confundiu
preço
com valor.

E passou a vida inteira
tentando comprar
o que só poderia
ser vivido.

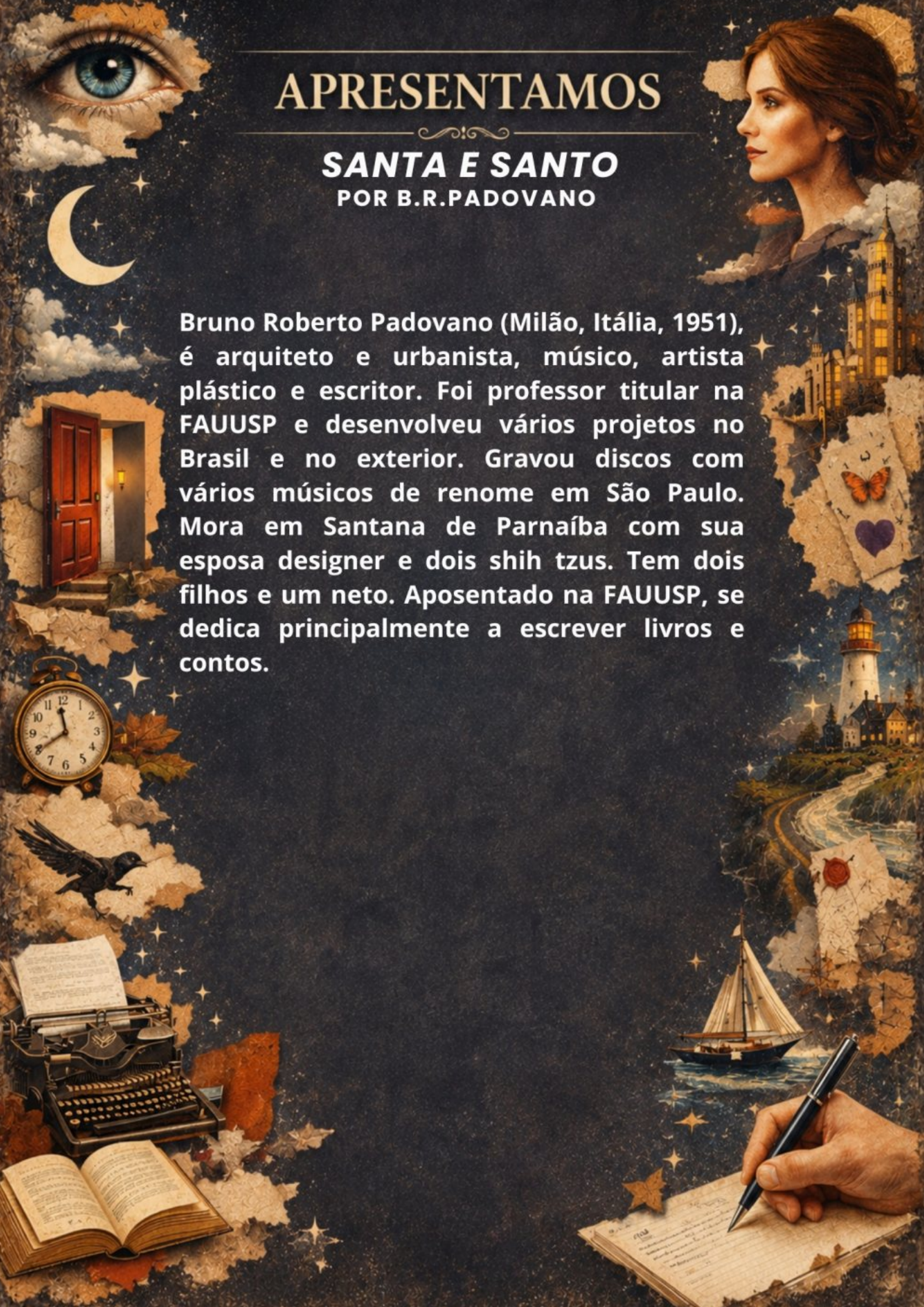


APRESENTAMOS

SANTA E SANTO

POR B.R.PADOVANO

Bruno Roberto Padovano (Milão, Itália, 1951), é arquiteto e urbanista, músico, artista plástico e escritor. Foi professor titular na FAUUSP e desenvolveu vários projetos no Brasil e no exterior. Gravou discos com vários músicos de renome em São Paulo. Mora em Santana de Parnaíba com sua esposa designer e dois shih tzus. Tem dois filhos e um neto. Aposentado na FAUUSP, se dedica principalmente a escrever livros e contos.



A mesma praça, os mesmos ventos, o mesmo velho.

Paisagem aberta para o Mediterrâneo, súdito entre mares e oceanos do mundo. Uns poucos casais de enamorados sentados na mureta sobre a colina, olhares sonhadores dirigidos ao futuro. Crianças com sorvetes. Os cachorros também perambulavam pelos mesmos espaços do charmoso vilarejo de Scilla, um dos mais pitorescos da Calábria.

Ele estava sentado lá, imóvel, contando quantas gaivotas havia entre a praça e a fortaleza do Castello Ruffo di Scilla, magnífica construção medieval. O povo dizia que a origem de Scilla era grega. O velho sabia que, segundo as lendas antigas, Scilla fora o local onde a inveja da Deusa da Lua Nova, a feiticeira Circe, transformara a bela ninfa Scylla num temível monstro marinho.

Isso não impediu, pensava o velhinho ao recordar tais lendas, que a vila se desenvolvesse e se transformasse numa pequena cidade turística, além de pesqueira. Bem agitada, talvez até demais, no verão.

Ele, o velho Sebastiano Grassi, achava tudo isso uma loucura. Nem a praça que amava — da qual se ascendia pela pequena escadaria da igreja até os sermões do Padre Anselmo da Chiesa Maria Santissima Immacolata — era mais tranquila. Agora mal ia à igreja. Não tinha mais pecados para confessar, conhecia de cor os sermões do padre e não contava mais com a companhia de seu grande amigo, Giallo, um vira-lata que o acompanhava até a igreja. Morreu de câncer aos dez anos, lembrou Sebastiano, que vivia com uma pensão miserável e insuficiente.

Sentia-se só, sem mulher, sem filhos e sem cachorro.

Assim, envolto por todos esses pensamentos e recordações, ele foi abordado por um jovial jornalista alemão, no dia mais festejado da cidade: 16 de agosto, dia de São Rocco.

— Buon giorno, Sr. Grassi. Como vai?

— Bem, obrigado, filho. E você?

— È stato un viaggio lungo desde Munique, mas aqui estou.

— Bravo! Você fala bem italiano. Complimenti!

— Sì, um pouco. Minha mamma era italiana. Agora se foi, em 2020. Covid.

— Lamento muito. A minha há bem mais tempo... Parece que todo mundo se foi também.

— E os amigos aqui da cidade?

— Quase todos estão com o Senhor. Só sobrou o Mario, o pior de todos. O pintor. Fazia seus quadros e depois a gente tinha que comprá-los; caso contrário, ele ficava nos aborrecendo o tempo inteiro. Agora está acamado e parou de pintar, por força maior... Está aí uma boa razão para rezar na igreja, agradecendo ao Senhor por ter nos livrado das novas pinturas dele...

— Ha, ha! Mas então Scilla não tem vida cultural de algum interesse?

— Graças a Deus, não. É o tipo de coisa que atrai mais turistas e gera discórdia. Um pensa assim, outro pensa assado. Se alguém fala alguma coisa, o outro fica indignado. Eu gostava de pescar, isto sim. Sair bem cedinho com a turma, preparar as redes e arpões e navegar nas águas calmas do mar. A lua muitas vezes nos recebia com um sorriso, outras com um abraço, mas o melhor era aquela lua cheia, linda, com um olhar de mulher apaixonada, que iluminava o mar e nos fazia companhia, como se nos protegesse. Capisci?

— Sì, sì, Signor Grassi. Você fala como um poeta!

— Gostava de ler poesias de amor. Era muito assanhado com as mulheres, e as poesias ajudavam a criar uma boa atmosfera para o namoro. Especialmente as de Pablo Neruda, que esteve por aqui, na Itália, exilado. "Vinte Poemas de Amor" era o meu preferido. Fizeram até um filme com ele, "O Carteiro", belíssimo. Ele era um comunista do bem: justo, fraternal, generoso. Tem comunista do mal também, filho.

— Adoro Neruda também. Um dos maiores do século passado.

— É. Também não apareceu mais ninguém neste século. Esses gênios parecem espécies de animais extintos pelo próprio homem. Aqui tivemos o peixe-espada quase extinto. Pode acreditar nisso? Todo mundo pescando e ninguém pensando no que estávamos fazendo. Que loucura! Agora existe uma cota para cada estação; parece que a situação melhorou. Você pode imaginar um mundo sem o peixe-espada?

— Não, de jeito nenhum. Faz parte do ecossistema. Sou vegetariano e não consigo me imaginar comendo nada de origem animal.

— Não precisa ser radical. Com moderação, tudo pode, inclusive o álcool. O que seria da Itália sem seu vinho rosso?

— Verdade, Signor Grassi. Mas me diga: o que ocorreu com sua esposa?

— Mamma mia! Esta é uma conversa longa. Sabe que as mulheres italianas são imprevisíveis, não é?

— Não mais do que as alemãs! — respondeu, rindo, o jovem jornalista.

— Ha, ha, ha! Boa! Como é seu nome, meu jovem?

— Hans. Bem alemão.

— O seu pai não era muito criativo, não é, Hans?

— Não, nem um pouco. Ele é advogado e ainda atua. Leis, leis, leis. Um advogado alemão, então, é bem focado no que faz. Diria que não é nada criativo. Eu sou o mais criativo da família: sou jornalista.

— Você inventa muitas histórias ou conta sempre a verdade?

— Sempre a verdade, dentro do possível. Mas entrevisto pessoas que podem me desviar dela, contando-me mentiras. Vai me contar a verdade sobre sua mulher?

Sebastiano pensou. Devo contar para ele a verdade ou uma mentira? Seu professor falava sobre a "nobre mentira", ideia de um grande filósofo grego que ele nunca entendera direito. Era péssimo nessas coisas. Tinha a ver com a visão de uma sociedade ideal, na qual os governantes utilizavam certas ilusões para manter o povo feliz. Ou seja: mentiam. Mas ele não tinha certeza disso. A mentira tem pernas curtas, lembrava-se, embora nem soubesse quem havia dito aquilo. Talvez fosse apenas um provérbio popular.

Decidiu contar uma nobre mentira.

— Molto bene. Com relação à Pietra, minha mulher, vivemos juntos por mais de trinta anos. Era bondosa com o Giallo e com os outros animais que tivemos. Sabia cozinhar divinamente, mantinha a casa um brinco. Nossa casa era considerada a mais bonita da vila, por dentro e por fora. E ela gostava de fazer amor.

— Bom, parece perfeito. O que houve? Faleceu?

— Na verdade, não, filho. Na verdade, não sei. Seria mentira se eu dissesse. Ela era tão boa, tão boa, que eu a chamava de Santa. Não só eu, mas todo mundo.

— Entendo. Mas por que a sua Santa foi embora?

— Inicialmente eu não sabia. Depois fiquei sabendo. E isso é verdade!

— Muito bem... e?

— Bem, me incomoda um pouco falar nisso, mas vamos lá. Um dia cheguei em casa, vindo de um encontro de velhos pescadores, e ela não estava lá.

— Não?

— Não. Desapareceu mesmo. E, caro Hans, eu a procurei por todo lugar. Minha última esperança era a igreja. Subi até lá e falei com o Padre Anselmo. Contei tudo a ele, e ele me abraçou.

— Filho — disse-me ele —, sua mulher Pietra, aquela santa que todos amávamos, fugiu com um santo! Milagre!

— Como assim, um santo, padre?

— Sim. Um ser alado, com uma auréola, que nunca havia se confessado comigo porque jamais tinha pecado. Vai ser difícil achá-los. Mas, se isso lhe trazer alguma alegria, estavam muito felizes juntos, como no Paraíso.

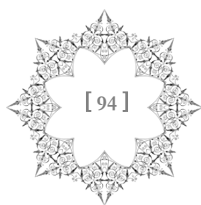
Hans ficou mudo. O que dizer? Seria verdade ou não?

— Mas me diga, Signor Grassi, o que pretende fazer?

— Estava aqui pensando nisso. Talvez o melhor seja não fazer nada. No fundo, sinto-me culpado por não ter sido um bom marido. Mas não sei se isso é verdade ou mentira.

Hans sorriu. Sebastiano era apenas mais um ser humano tentando sobreviver, cheio de segredos. Seus dias de pescador haviam acabado. Sua mulher fora embora, e era difícil acreditar que tivesse partido com um santo.

Sebastiano voltou-se para a praça e, de repente, viu Pietra com seu vestido de dia de festa e seu amado cachorro ao lado. Esperançoso, levantou-se lentamente e dirigiu-se aos dois, sorrindo como se aquilo fosse um verdadeiro milagre.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO
CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI

FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
[WWW.YOUTUBE.COM/
CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:**

CLIQUE AQUI